

Ministério

JUL-AGO · 2020

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 16,28

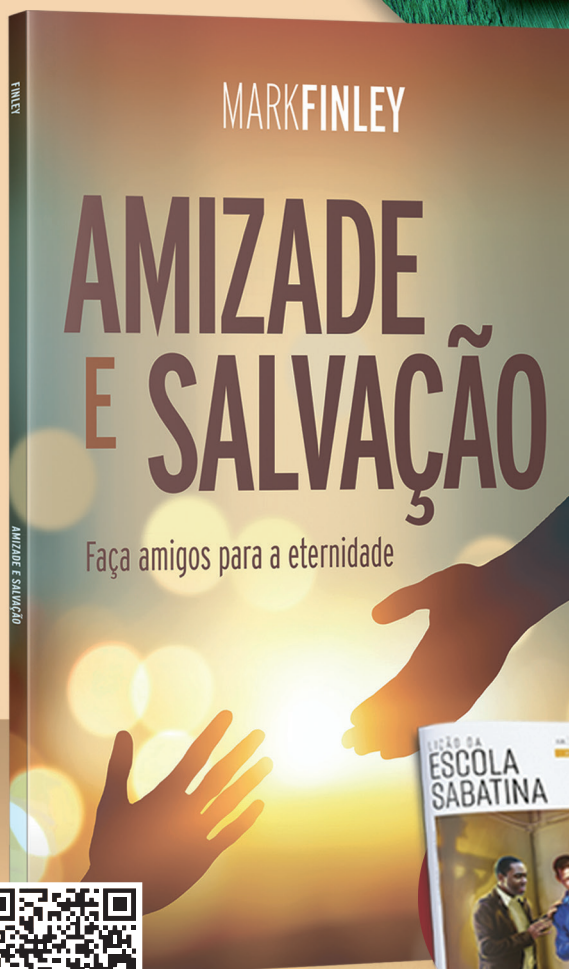
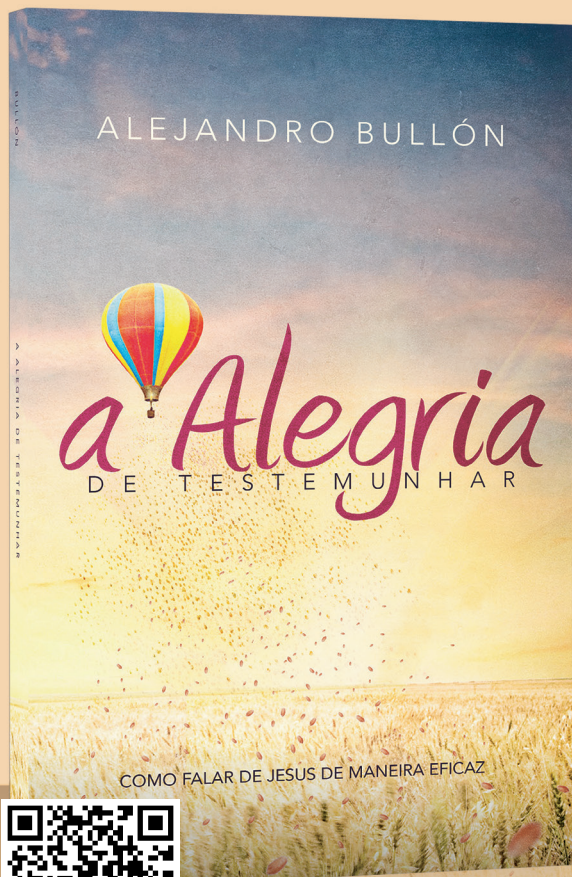


NOVOS TEMPOS

O trabalho pastoral depois da quarentena


A internet como ferramenta para evangelização + Cultos on-line e seus impactos na igreja local

A homossexualidade em 1 Coríntios 6:9 + A cabeça ferida de Apocalipse 13 + Saúde integral no tempo do fim



LIVRO
AUXILIAR
DA LIÇÃO

LANÇAMENTO

*Salvar pessoas é a arte de fazer
amigos para Deus.* 

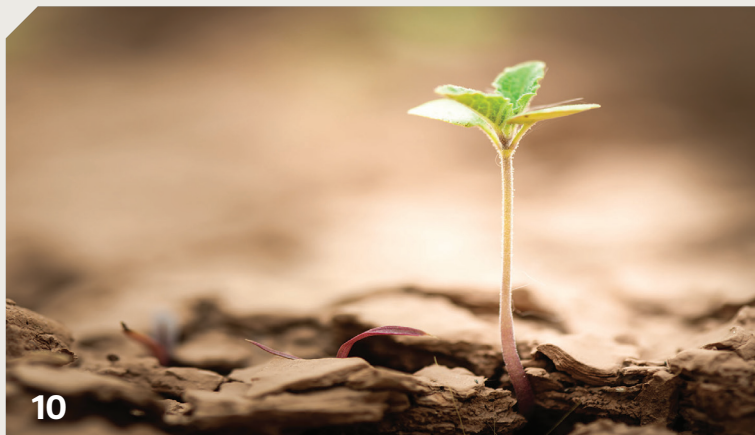
cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o
aplicativo
CPB



Ministério



10

10 **Hora de recomeçar**
Moisés Mattos
Sugestões práticas para o trabalho pastoral pós-quarentena

14 **Igreja virtual**
Carlos Henrique Nunes
Reflexão a respeito dos impactos dos cultos on-line sobre a congregação local

17 **Comportamento proibido**
Ekkehardt Mueller
A homossexualidade em 1 Coríntios 6:9

20 **Esperança na rede**
Silvano Barbosa
A internet como ferramenta para evangelismo direto, mobilização e discipulado

24 **O Estado Papal**
Ruben Aguilar
A identificação da cabeça ferida de morte em Apocalipse 13

28 **Vida plena**
Cesar Gálvez
A saúde do povo de Deus no tempo do fim



14

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 27 Lições de vida
- 32 Dicas de leitura
- 34 Reflexão
- 35 Palavra final



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 92 – Número 550 – Jul/Ago 2020
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Márcio Nastrini
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa William de Moraes

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Carranza; André Dantas; David Ayora; Edilson Valiante; Efraim Choque; Elieser Ramos; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Juan Zuñiga; Raildes Nascimento; Ronivon Santos; Rubén Montero e Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5953 / 41793

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa.

- Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

PERSPECTIVAS

A crise provocada pela Covid-19 afetou o mundo de tal maneira que alguns, num impulso retórico, chegam a ressignificar as siglas a.C e d.C. Exageros à parte, precisamos reconhecer que a pandemia alterou substancialmente a vida de todos e o nosso modo de fazer as coisas. E isso inclui o trabalho pastoral. Embora seja impossível publicar em uma página todas as implicações desse momento para o ministério, escolhi falar de cinco mudanças que julgo essenciais nessa primeira fase pós-quarentena.

Uso estratégico dos recursos digitais. A pandemia tornou imprescindível nossa participação nas mídias sociais. Em pouco tempo, fomos despertados para o fato de que é possível, no ambiente digital, capacitar a igreja de modo eficiente; produzir conteúdo evangelístico para públicos específicos e estabelecer relacionamentos com essas pessoas; além de ampliar a esfera de nosso cuidado aos membros, especialmente aqueles que estão no grupo de risco da Covid-19.

Reflexão sobre práticas da igreja. A comodidade de acessar conteúdo religioso no conforto do lar tem levado algumas pessoas a minimizar a importância de estar na igreja. Isso nos desafia a avaliar nossas práticas litúrgicas, de evangelização e gestão. Precisamos revigorar o sentido comunal da fé. De forma geral, o conteúdo disponível na *web* tem algumas características que faríamos bem em incorporar em nosso cotidiano: relevância, objetividade, excelência e autenticidade. Que impacto haveria em nossos cultos e reuniões se esses elementos fossem incorporados? Que tipo de engajamento eles gerariam em pessoas que estão cada vez mais acostumadas à dinâmica da internet?

Oportunidades de serviço. Como portadores de uma mensagem de salvação integral, devemos ver em cada dificuldade uma oportunidade de evangelização. A sociedade está aberta à nossa mensagem de saúde; aos nossos programas de valorização à família, de proteção aos mais vulneráveis (crianças, mulheres e idosos) e de desenvolvimento e assistência social; e também à nossa pregação. Diante das incertezas

Momentos como este que vivemos nos ensinam a ser mais objetivos quanto ao que precisamos fazer e como devemos empregar nossos recursos.

do futuro, são bem-vindas palavras e ações que transmitam conforto e esperança.

Revisão orçamentária. Estamos diante da maior crise econômica desde a Grande Depressão, em 1929. Por isso, as congregações devem levar em conta os investimentos em programas de suporte social, adequações estruturais dos templos para prevenir a transmissão da Covid-19 e a relevância de sua presença e eficiência no ambiente digital. Ao mesmo tempo, precisam analisar seus custos regulares, cortar gastos não essenciais e simplificar processos. De fato, momentos como este que vivemos nos ensinam a ser mais objetivos quanto ao que precisamos fazer e como devemos empregar nossos recursos.

Avivamento escatológico. As mudanças drásticas na economia, nas relações diplomáticas e na percepção das garantias e liberdades individuais resultantes da pandemia fizeram com que muitas pessoas revisassem sua compreensão acerca das profecias. Se alguns tinham dúvidas de que a ordem social poderia ser transtornada da noite para o dia, a Covid-19 prova que situações extremas oportunizam soluções extremas. Hoje, por causa de um vírus. Amanhã, em virtude de catástrofes “provocadas” pela desobediência daqueles que insistem em guardar a lei de Deus. Por isso, nunca devemos negligenciar a perspectiva apocalíptica da nossa pregação.

Ao longo da história, Deus conduziu os adventistas do sétimo dia através de grandes crises globais, levando-os ao crescimento espiritual que se traduziu em compromisso com a missão. Não sabemos quantas crises semelhantes ou piores do que essa ainda enfrentaremos, mas como sabiamente escreveu Ellen White, “nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos tem conduzido” (*Vida e Ensinos*, p. 204). **IM**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério



Mutirão de Assinaturas da Lição da Escola Sabatina



Horário de Brasília

De 16 de agosto a 13 de setembro | 8h às 20h

projetomana.com

cpb.com.br | 0800-552616 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/cpbeditora

Baixe o
aplicativo
CPB



PASTOREIO ESSENCIAL

O tempo em que estamos vivendo demanda adaptações em nosso modo de trabalhar. Por isso, precisamos entender bem o que a Bíblia nos ensina sobre pastorear, para evitar nos perdermos nas diversas atividades com as quais estamos envolvidos.

No Novo Testamento o termo pastorear tem vários significados. Gostaria de destacar três deles: governar, cuidar e alimentar.

Governar tem que ver com liderança. Nesses tempos, é preciso que o pastor guie seu rebanho por caminhos seguros. Ele deve tomar iniciativas que ajudem a igreja a se adaptar para enfrentar uma nova realidade. Alguns líderes podem estar escondidos em sua “caverna”, em silêncio, esperando que outros lhes digam o que fazer ou não fazer. Esse tipo de liderança gera insegurança, porque onde não há ações, há decepções.

Saul foi escolhido rei de Israel. Mas, no dia em que ele deveria se apresentar como líder do povo de Deus, estava “escondido” (1Sm 10:22). Em tempos de crise, os líderes precisam aparecer, não se esconder. Eles devem se comunicar, não permanecer calados. Devem aproveitar a crise para ajudar seu rebanho a se fortalecer, não a desanimar.

No entanto, existe um risco: quando se assume o papel principal pode-se ofuscar o restante. O modelo de liderança vertical, em que somente aparece a figura do dirigente, não é o ideal. Os membros aceitam melhor uma liderança horizontal, na qual o pastor se coloca entre eles, dando-lhes também oportunidade de liderar.

A segunda palavra é cuidar. Significa “priorizar” a pessoa que deve ser cuidada. Nos momentos de crise, é preciso zelar especialmente pelos interesses, necessidades e sentimentos das pessoas. Contudo, deve-se tomar todo o cuidado para não fazer algo na esperança de obter recompensas. O cuidado a que a Bíblia se refere é altruísta; eu cuido de você porque me importo com sua vida, não por causa do que posso receber em troca.

Embora os templos estejam fechados, lembremo-nos de que a igreja, que somos nós, permanece aberta para ser uma voz de esperança.

Por outro lado, como pastores, precisamos cuidar para que os membros de nossas igrejas não estejam conectados a elas somente por meio de seus programas e eventos, mas para que eles estejam interconectados. Meu dever é envolver todos os líderes nessa responsabilidade de cuidar uns dos outros. Hoje isso se torna mais relevante porque a saúde mental das pessoas tem sido afetada. Então, elas não se sentirão sozinhas, porque a distância será apenas física, e não social ou emocional.

Quão oportunas são as palavras do sábio Salomão: “Procura conhecer o estado das tuas ovelhas e cuida dos teus rebanhos” (Pv 27:23). Lembre-se de que “para as pessoas não importa quanto você sabe, até que percebam quanto você se importa”.

A última palavra é alimentar. As crises permitem buscar mais a Deus e valorizar as coisas do Alto. Aproveite esses momentos para alimentar os membros e fortalecer a saúde espiritual deles. Para que isso ocorra devemos investigar as Escrituras com maior diligência: “Levantando-se cedo e poupando seu tempo, os pastores podem achar momentos para uma pesquisa mais profunda das Escrituras” (Ellen White, *Testemunhos para a Igreja*, v. 2, p. 500).

A ênfase é alimentar o rebanho nesse tempo de crise. Isso tem duas dimensões. A primeira é interna, nossos membros devem ser bem alimentados para passar pela crise. A segunda é externa, eles devem aproveitar as oportunidades para comunicar o evangelho a outras pessoas. Como pastores, precisamos sempre enfatizar que a Grande Comissão não está em crise. Embora os templos estejam fechados, lembremo-nos de que a igreja, que somos nós, permanece aberta para ser uma voz de esperança. **M**



DANIEL MONTALVAN
secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

CUIDADO EMOCIONAL



por Walter Steger

A saúde mental está entre as várias dimensões afetadas pela pandemia da Covid-19. Impactos sobre o convívio, o afeto e a comunicação têm resultado em medo, desânimo, estresse e depressão. Nesta entrevista, **Julián Melgosa**, doutor em Psicologia e diretor associado do departamento de Educação da Associação Geral da Igreja Adventista, apresenta dicas práticas para que os pastores possam ajudar a igreja a superar este momento difícil.

Quais atitudes e recursos pessoais são importantes ao enfrentar uma pandemia como essa?

Um bom princípio a seguir é compensar as deficiências causadas por essa situação. Por exemplo, a falta de interação social deve ser compensada pela comunicação por meio da tecnologia digital ou pelo telefone. E isso deve ser feito com outras atividades, como

A figura pastoral é comparável à dos profissionais de saúde. As pessoas têm necessidades urgentes, e muitas delas podem ser atendidas pelo pastor.

trabalho, educação e exercícios físicos. Para o cristão, a igreja é um fator muito importante, e todo esforço deve ser feito para oferecer a oportunidade de realizar cultos, serviço de cânticos, ofertas, Escola Sabatina, estudos bíblicos, entre outros, usando as ferramentas disponíveis.

Um recurso importante é impor ordem e regularidade ao confinamento. É necessário organizar-se para realizar tarefas diárias regularmente, para que exista previsibilidade de comportamentos, garantindo que haja atividades suficientes de natureza física, mental, espiritual e social.

Outro recurso psicológico que está sob nosso controle são os pensamentos. O que pensamos resulta no que sentimos e no que fazemos. Portanto, é essencial abrigar pensamentos positivos, ideias de gratidão, perdão, confiança, amor a Deus e fé Nele. Deve-se evitar também pensamentos como medo, ciúmes, inveja, ódio, rivalidade ou desespero. As Escrituras podem nos ajudar muito, porque nos fornecem o melhor conteúdo de pensamento, a atitude correta em relação às situações e a paz de que tanto precisamos.

Por fim, mencionarei a resiliência. Pensar, sentir e agir de maneira resiliente significa não desmoronar diante de uma renda reduzida, cancelamento de planos ou enfermidade própria ou de nossos entes queridos. A resiliência nos faz resistir e persistir. E para o cristão, significa confiar no poder sobrenatural de Deus e nas múltiplas promessas das Escrituras. No fim da pandemia, todos emergiremos mais fortes e mais bem preparados para as adversidades futuras.

Quais conselhos daria aos pastores para que ajudem os membros da igreja a lidar melhor com a pandemia?

A figura pastoral é comparável à dos profissionais de saúde. As pessoas têm necessidades urgentes, e muitas delas podem ser atendidas pelo pastor. A pessoa que mora sozinha deve receber atenção especial, incluindo aqueles que foram afetados por desemprego ou doença. Da mesma forma, membros em idade avançada que moram sozinhos ou com o cônjuge idoso. Por meio de videochamadas ou ligações telefônicas, é necessário transmitir-lhes encorajamento e esperança regularmente, seja por intermédio do pastor ou de uma equipe de voluntários. Devemos ouvi-los com atenção, pois essa atitude é uma tarefa terapêutica em si.

Existem estratégias psicológicas, como interromper o pensamento, autoinstrução ou visualização que podem ajudar a pessoa ansiosa, deprimida ou assediada por pensamentos adversos. Isso requer certo nível de conhecimento técnico, mas é suficiente para o pastor dar ideias gerais como “Rejeite esses pensamentos e substitua-os por pensamentos mais realistas e inspiradores ou com esta promessa bíblica”; ou “Pense que apenas uma pequena porcentagem de pessoas acaba em uma situação crítica e de hospitalização”, “Lembre-se de que mesmo entre aqueles que contraem a doença com sintomas graves, a maioria sobrevive”; ou “Vamos nos lembrar dos momentos em que o Senhor nos ajudou no passado e como resolveu nossos problemas”.

À semelhança de Jesus, o pastor também deve ministrar ajuda prática, lembrando as pessoas acerca de medidas higiênicas básicas, comportamentos preventivos, além de ajudá-las no planejamento da economia familiar e solicitar ajuda social, caso seja necessário.

Certamente, os pastores têm uma grande ferramenta para a saúde total, a Bíblia, para beneficiar os membros da igreja e também aqueles que não são membros, mas precisam de ajuda espiritual. Mais do que apenas sermões e palestras, são necessárias passagens pontuais e conteúdo encorajador para lidar com desânimo, depressão, ansiedade e estresse. Elas devem ser memorizadas ou repetidas ocasionalmente.

Por exemplo, Jesus nos garante que haverá dificuldades, mas que devemos confiar Nele (Jo 16:33); Paulo nos deu seu exemplo para se adaptar a situações de mudança nas quais, com Jesus, tudo é possível (Fp 4:11-13).

O Salmo 27 é ótimo para trazer paz e consolo à alma temerosa, como é o Salmo 91. É claro que o Salmo 23 transmite um sentimento generalizado de proteção divina. Textos como Mateus 6:31 a 34, 1 Tessalonicenses 5:15 a 23, Isaías 26:3, Provérbios 17:22 e muitos outros também podem ser lembrados.

Provavelmente, no contexto da pandemia, as três situações mais temidas sejam contrair a doença, a morte de um ente querido ou uma crise econômica com eventual perda de emprego. Como os pastores podem aconselhar os membros da igreja em cada uma dessas situações?

Contrair a doença: É um medo natural, porque é um vírus altamente contagioso, ainda desconhecido e com capacidade letal. No entanto, devemos nos referir aos dados conhecidos: a taxa mundial de mortalidade varia de 1,4% a 3,4%. Mesmo nos casos de maior risco, a probabilidade de superar a doença é maior do que a de morrer. Devemos nos concentrar na probabilidade de sucesso (o copo meio cheio) e não na probabilidade de morte (o copo meio vazio). Ao mesmo tempo, devemos nos colocar nas mãos de Deus e confiar em Sua intervenção.

Morte de um ente querido: Como no ponto anterior, nossos pensamentos devem ser otimistas e esperançosos, porque o cristão tem motivos para exercitar a esperança, ainda que seja afetado pela morte de um ente querido. Obviamente, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para prevenir o contágio e manter a qualidade de vida de nossos familiares, especialmente daqueles que dependem de nós.

Crise econômica: Como qualquer outra crise no passado, essa também passará. Mas se isso não acontecer e for o começo do fim, temos Jesus que nos salvou e tem um lugar preparado para nós. A Bíblia nos apresenta muitas promessas consoladoras, por exemplo: “Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão” (Sl 37:25); ou “E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4:19).

Que Deus esteja com você, amigo pastor, a fim de que possa torná-lo um instrumento para gerar mais tolerância, amor, alegria, bondade, empatia, resiliência, domínio próprio e, pelo poder do Espírito, mais frutos (Gl 5:22, 23) que nos ajudarão a superar essa pandemia. **M**

HORA DE RECOMEÇAR

Sugestões práticas para o trabalho pastoral pós-quarentena

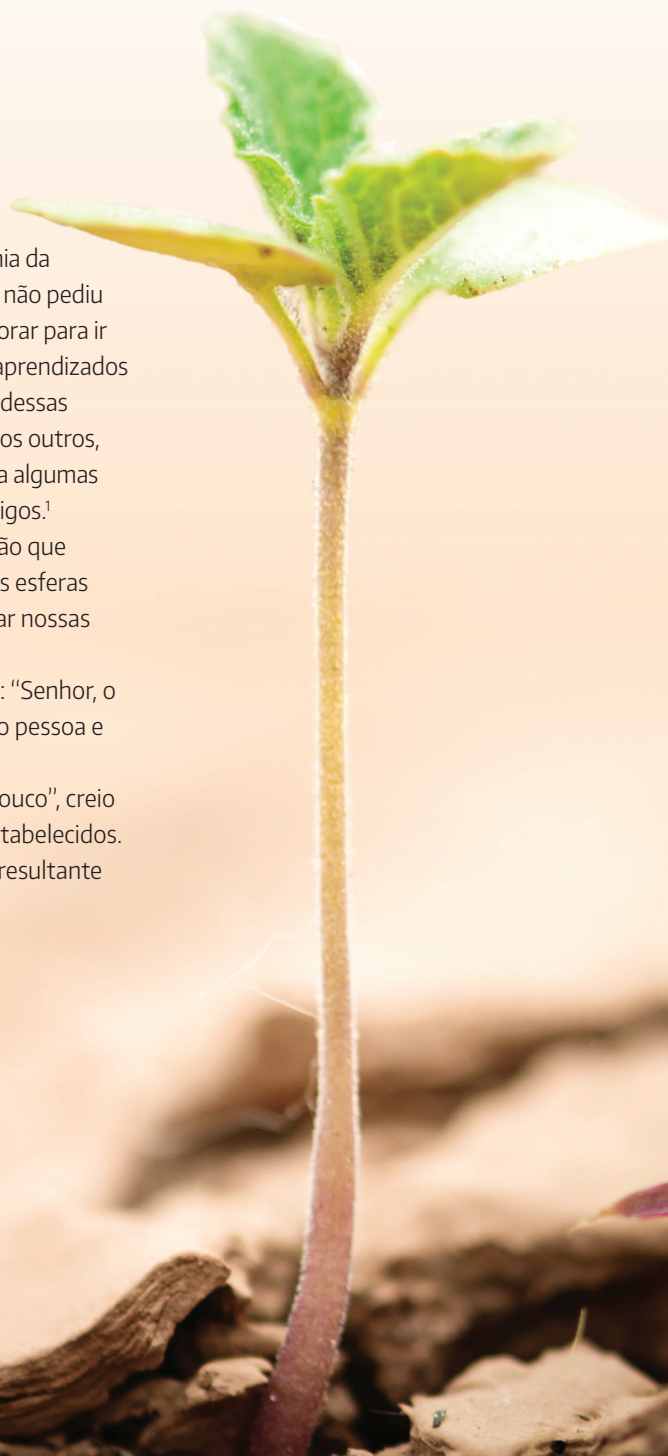
Moisés Mattos

A crise pode ser uma oportunidade de recomeçar, e de forma mais inteligente. Ao menos, é o que sinto na esteira da pandemia da Covid-19. Ela chegou e, mal-educadamente, não bateu à porta, não pediu entrada, transtornou nossa vida e, ao que tudo indica, vai demorar para ir embora de vez. Quando isso acontecer, não deixará saudade. Muitos aprendizados têm sido revelados por pessoas de diferentes formações. O conteúdo dessas descobertas vai desde a necessidade de nos preocuparmos mais com os outros, cuidar da saúde, trabalhar em *home office*, olhar com mais apreço para algumas profissões e valorizar momentos especiais ao lado da família e dos amigos.¹

Do ponto de vista ministerial, o que se pode extrair de uma situação que deixou o mundo sem saída? À parte das fissuras que ela nos legou nas esferas econômica, social e política, o que podemos aprender a fim de orientar nossas ações para o futuro?

Penso que devemos olhar para o olho da tempestade e perguntar: "Senhor, o que Tu esperas que eu aprenda? De que maneira vais me mudar como pessoa e ministro do evangelho?"

Se Fernando Pessoa estava certo em dizer que "de tudo fica um pouco", creio que nesse redemoinho aprendi coisas novas e reforcei conceitos já estabelecidos. Se colocarmos esses ingredientes em um caldeirão de ideias, a soma resultante pode se converter em práticas saudáveis para o ministério.²



Certeza profética

Uma das primeiras lições que me vieram à mente foi a confirmação de fé no que chamaria de modelo escatológico. A escatologia exerce forte influência em todo o pensamento adventista. Contudo, ao pregar sobre a união dos poderes representados pelas bestas de Apocalipse 13, o decreto dominical e outros temas, às vezes pode-se sentir no ar uma ponta de descrença da parte de alguns, fruto da nossa racionalidade. Será que tudo isso vai realmente se cumprir? Como o cenário mundial será desenhado para que as predições se concretizem?

Embora a pandemia do novo coronavírus esteja mais relacionada com a saúde pública e nosso bem-estar, as medidas preventivas resultaram também em um quadro, de certo modo, asfixiante. Isso permite antever algumas coisas: a agilidade e a maneira com que todas as organizações agiram nos mostra que nenhum cenário pode ser considerado impossível. Tudo pode se configurar de forma não dimensionada, sorrateira, e de expansão sem precedentes. A rapidez impressiona até mesmo alarmistas de plantão, acostumados a relacionar esses acontecimentos com os sinais dos tempos.

Menos de três meses após um surto de pneumonias sem causa conhecida ocorrer em uma província na China, o mundo

inteiro foi envolvido. O médico infectologista Anthony Fauci, um dos líderes no combate ao novo coronavírus nos Estados Unidos, afirmou que nunca viu uma doença como a Covid-19.³

Quando acreditávamos que todos os medicamentos e a tecnologia nos garantiriam uma vida mais longa, apareceu o intruso. De repente, lavar as mãos, usar máscaras e observar o isolamento social se tornaram a ordem do dia.

Houve comoção mundial e a pauta virou o novo coronavírus. Até nas leis ele se intrometeu. Esse quadro ilustra que uma cena de acontecimentos e decisões que cumpram profecias pode estruturar-se mais fácil do que prevemos e imaginamos.

A observação desse desenrolar dos fatos reacendeu em mim a vontade de pregar com mais veemência e profundidade sobre as profecias bíblicas. Sinto uma certa carência da igreja em ouvir e aprender assuntos escatológicos. Aliás, o adventismo vive um de seus problemas exatamente na escatologia. A tentativa de alguns em desprezar o historicismo e o devaneio de outros em tentar colar nas profecias ideias mirabolantes e alheias ao texto bíblico constituem-se em uma ameaça real.⁴ Nosso desafio é explicar as profecias sem a superficialidade e o sensacionalismo que muitas vezes caracterizam discursos nessa área.

A importância da igreja

Paralelamente, pensei no impacto da pandemia no meu conceito de igreja. Não me refiro ao conceito bíblico e teológico do corpo de Cristo, mas na igreja em seu funcionamento prático. A situação vivida permite que visualizemos uma mudança paradigmática, migrando de uma igreja complexa para uma simples. Ellen White previu que esta seria formada por “atalaias e portadores de luz”.⁵

Refleta: nesses dias de isolamento social, o que nos faltou como congregação de adoradores? A resposta óbvia é: o básico. Queríamos cantar e orar juntos. Gostaríamos de pregar a Palavra e escutá-la, seja no púlpito ou nas casas, em estudos bíblicos, cultos ou pequenos grupos. Não tivemos a oportunidade de devolver presencialmente dízimos e ofertas, embora pudéssemos contar com recursos digitais, entre outros meios. Além disso, notamos a ausência do carinho dos abraços, de testemunhar pessoas aceitando a Cristo, da realização de batismos, apresentações infantis, casamentos, Santas Ceias, entre outras cerimônias.

Às vezes, na normalidade, nos sobrecarregamos com muitas coisas que, em si, são boas, mas que, ao fim, pouco colaboraram para o cumprimento da missão. Falhamos em avaliar o que deve permanecer ou

Igrejas serão relevantes na medida exata em que compreenderem bem para que existem, qual sua missão, qual sua mensagem, e estabelecerem suas prioridades.

não no cotidiano de uma igreja. Assim, corremos o risco de perder muito tempo, energia e dinheiro fazendo mais coisas e tornando-nos menos efetivos. Conforme Thom Rainer afirmou: “A maioria das igrejas mantém seus membros tão ocupados que não têm tempo para ministrar.”⁶

Igrejas serão relevantes na medida exata em que compreenderem bem para que existem, qual sua missão, qual sua mensagem, e estabelecerem suas prioridades. Evangelismo e missão devem ser seu foco. Se perderem isso, poderão até ser relevantes socialmente ao mundo, mas irrelevantes para os propósitos de Deus.

Outra tendência igualmente perigosa é a da transformação da missão em um local ao invés de um estilo de vida. Podemos ir a um local e ajudar pessoas; frequentar a igreja e impressionar a congregação com música, oratória e um conjunto bem elaborado de cerimônias e projetos. No entanto, missão vai além disso. Precisamos fazer missões exatamente onde vivemos. É necessário ver o local de trabalho, a escola e a vizinhança como campo missionário. Missão não é um local, é um estilo de vida.

Nesse sentido, é sempre oportuno lembrar o objetivo principal da formação do movimento adventista do sétimo dia: “A igreja é o instrumento escolhido por Deus para a salvação dos seres humanos. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio, Deus planejou que Sua igreja refletisse às pessoas Sua plenitude e suficiência. Os membros da igreja, que Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, devem manifestar Sua glória.”⁷ Esse propósito deveria orientar e balizar nossas avaliações formais ou informais do trabalho da igreja em qualquer de suas instâncias.

Por outro lado, uma das lições aprendidas na pandemia poderia ser o que eu chamaria de um golpe na tendência atual de minimizar a necessidade da frequência

à igreja. Um número crescente de cristãos tem perguntado: “Por que eu preciso da igreja? Qual é a vantagem de estar nos cultos, já que pela internet eu tenho acesso a informações bem mais interessantes para minha espiritualidade? Não poderia estar em casa lendo a Bíblia confortavelmente ao invés de ouvir um sermão monótono, atrapalhado pelo choro de crianças ou conversas paralelas?” Inclusive, há quem questione se o pertencimento a uma igreja é realmente necessário para exercer sua fé.

Corre pela internet uma frase de efeito que afirma: “Igreja não é ir, é ser”. Ela reflete o que muitos “cristãos desigrejados” alardeiam. Embora saibamos que não adianta “ir” sem “ser”, entendemos que o “ser” envolve o “ir”. Um cristão não é um anônimo enclausurado em seu mundo egoísta e egocêntrico. Ele faz parte de uma comunidade interativa de amor, ajuda e adoração. A igreja é o lugar em que os crentes podem amar uns aos outros (1Jo 4:12), exortar uns aos outros (Hb 3:13), encorajar uns aos outros (Hb 10:24), servir uns aos outros (Gl 5:13), instruir uns aos outros (Rm 15:14), honrar uns aos outros (Rm 12:10) e ser bondosos e misericordiosos uns com os outros (Ef 4:32).

A pandemia e o fechamento dos templos ensinaram que ainda há o forte desejo de pertencer a uma comunidade e se expressar por meio dela. O isolamento social mostrou também que as pessoas têm vontade de frequentar cultos, e isso lhes faz bem, além de ser um elemento facilitador de sua adoração a Deus.⁸ De fato, podemos adorar ao Senhor em qualquer lugar, “em espírito e em verdade” (Jo 4:23), mas precisamos da igreja para demonstrar de que lado estamos.

Um antigo slogan dizia: “nada substitui o talento”. Parafraseando, pode-se afirmar que nada substitui o presencial. Igreja se faz com pessoas, e estas precisam se reunir (Hb 10:25). A pandemia nos fez refletir seriamente sobre o equilíbrio necessário a fim de vivermos a adoração individual e coletiva de forma saudável. Ambas são



fundamentais para o desenvolvimento espiritual do membro da igreja de Jesus Cristo.

O retorno

As ponderações até aqui estimulam a alteração ou confirmação de algumas ações no período pós-pandemia. É momento de avaliar métodos, programas, materiais e estratégias sem perder de vista a doutrina e a identidade da igreja. Novos tempos pedem novas posturas, ou melhor, posturas alinhadas com a necessidade das pessoas e o foco da igreja.

De uma perspectiva pessoal, o que mudará em minha maneira de exercer o ministério? Evidentemente, vamos continuar trabalhando com nossas atividades regulares. Porém, nesse retorno, ainda que paulatinamente, pretendo implementar ou continuar algumas práticas que podem estar associadas às considerações levantadas até agora. Elas deverão ser adaptadas às recomendações sanitárias vigentes, especialmente porque, enquanto não houver vacina ou tratamento eficaz contra a Covid-19, teremos que manter a vigilância redobrada. Com prudência, segurança e criatividade, planejo fazer o seguinte:

1. No primeiro culto após a autorização para a reabertura dos templos, quero realizar uma cerimônia batismal demonstrando aos membros que não podemos perder o foco de nossa missão: resgatar pessoas.

2. Reativar as classes bíblicas aos domingos, ligadas a departamentos como Escola Sabatina, Desbravadores, Aventuroiros e ASA, entre outros.

3. Reunir, capacitar e equipar as duplas missionárias da igreja, visando motivá-las para o trabalho. Minha experiência diz que o estudo bíblico ministrado nos lares não perdeu seu valor e se constitui em um dos métodos mais eficazes de alcançar pessoas para Cristo.

4. Aproveitar a experiência obtida com os meios digitais e realizar capacitações para os líderes de departamento do distrito. A primeira iniciativa será um curso de formação de anciãos.

5. Promover aulas para as equipes de diaconato e recepção. A maneira como receberemos as pessoas na igreja fará a diferença na salvação de pessoas que nos procurarão após a quarentena.

6. Manter a regularidade na apresentação de relatórios trimestrais das finanças da igreja. Transparência constitui-se num fator que estimula a fidelidade e a confiança dos membros. Como observou Juan Prestol-Puesán, "confiança é tudo o que temos e, para os líderes adventistas do sétimo dia, não há outra opção; nós temos que fazer o certo".⁹ Ellen White reforça esse conceito ao escrever que "tudo quanto os cristãos fazem deve ser tão transparente como a luz do Sol".¹⁰

7. Intensificar a realização de seminários e aulas de teologia para membros, a fim de aprofundar seu conhecimento bíblico e doutrinário.

8. Assim que possível, promover reuniões sociais com o objetivo de integrar e confraternizar membros e interessados da igreja. O ideal é que, para isso, usemos as estruturas existentes nos departamentos e pequenos grupos. Para os tempos posteriores ao novo coronavírus, se prevê "uma explosão de sociabilidade", e nossa comunidade não pode ficar fora disso.¹¹ Ainda que os recursos digitais tenham assumido o protagonismo no momento, a convivência pessoal também faz muita falta.

9. Em reunião com a liderança local, estudar e avaliar cultos e programas em geral, tentando torná-los mais objetivos, dinâmicos e atrativos para membros e convidados. A proposta da Igreja Adventista na América do Sul, que enfatiza comunhão, relacionamento e missão pode, com eficácia, ajudar a nortear ações que glorifiquem o nome de Deus e tornem Sua igreja relevante.

Não desistir

Depois de uma crise, de uma provação ou até de uma pandemia, a ordem é começar outra vez. Não devemos nos esquecer de que a força e a resistência para o futuro podem ser estabelecidas agora. Todas as

dificuldades nos ensinam que "a experiência da fornalha da prova e da aflição paga todos os pesares de seu preço".¹²

Temos nossas esperanças renovadas quando confiamos no Senhor da igreja, o Deus que entrou em um mundo infectado com o vírus terrível do pecado, Aquele que respirou o mesmo ar que nós, alimentou-se como nós e morreu isolado em uma cruz. Sua vida, morte e ressurreição nos garantem um futuro não apenas seguro, mas eterno. Ele estará conosco para implantar o novo, quebrar paradigmas, desafiar modelos e renovar ações. A Ele toda glória! **M**

Referências

¹ Kiko Kislansky, "Lições que o coronavírus nos ensina", disponível em: <glo.bo/2YvCLUA>; Paula Stange, "5 lições que aprendemos com o coronavírus", disponível em: <bit.ly/2zP4FQU>, acesso em 5/5/2020.

² Carlos Drummond de Andrade, *A Rosa do Povo* (Rio de Janeiro: Record, 2000), p. 92-95.

³ Peter Nicholas, "Anthony Fauci's plan to stay honest", disponível em: <bit.ly/35tspZ>, acesso em 5/5/2020.

⁴ Jon Paulien, "The End of Historicism? Reflections on the Adventist Approach to Biblical Apocalyptic – Part One." *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 14, n. 2, 2003, p. 15-43.

⁵ Ellen G. White, *Eventos Finais* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 41.

⁶ Thom Rainer, "Eight reasons churches become too busy", disponível em: <bit.ly/2yVK9a>, acesso em 5/5/2020.

⁷ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 9.

⁸ Iuri Pitta, "Brasileiro dá prioridade a igreja e salão de beleza no pós-quarentena", disponível em: <bit.ly/2YtEoIB>, acesso em 5/5/2020.

⁹ Citado em Marcos Paseggi, "Adventist leaders discuss integrity and transparency", disponível em: <bit.ly/2W3gyvv>, acesso em 5/5/2020.

¹⁰ Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 57.

¹¹ Leandro Karnal, Especial: "O Mundo Pós-Pandemia", disponível em: <bit.ly/2zVwvjv>, acesso em 5/5/2020.

¹² Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 574.

MOISÉS MATTOS

pastor em São José do Rio Preto, SP



IGREJA VIRTUAL

Carlos Henrique Nunes

Reflexão a respeito dos impactos dos cultos on-line sobre o ministério e a congregação local



“O mundo não será mais o mesmo.” Essa tem sido a avaliação de especialistas de todas as áreas, a partir da explosão do contágio da Covid-19. Se essa é uma previsão que atinge a sociedade, o ministério adventista também não está isento às consequências dessa pandemia. Desde que o novo coronavírus invadiu o cenário mundial, muitas têm sido as reflexões nos mais diferentes fóruns eclesiais, formais e informais, sobre os rumos do pastorado diante dos desafios emergentes.

Entre elas, um possível novo ministério on-line estabelecido a partir das plataformas digitais; as dificuldades conjunturais resultantes de um serviço de culto não presencial; o perfil de adorador que vai surgir dessa experiência global e os desafios para liderar a igreja nesse possível cenário.

Nesta reflexão, gostaria de analisar a perspectiva do advento de um novo ministério de adoração via *streaming* e suas implicações sobre a maneira de liderar a igreja, considerando a possibilidade do surgimento de um novo perfil de adorador resultante dessa experiência.

Novo ministério?

Será verdade que o cenário pós-pandemia consolidará um ministério de interface digital? Será real que esse deslumbramento pelas nem tão novas tecnologias consiga ser relevante ao reunir em interações virtuais quase o mesmo público de um culto em nossas igrejas?

Todas essas perguntas e considerações convergem a um ponto: talvez ainda não estejamos vocacionados para liderar uma virada no estilo de adoração porque não entendemos as questões filosóficas subjacentes ao simples uso instrumental dessas tecnologias. Talvez ainda sejamos como garotinhos que ganham um brinquedo e se divertem como nunca desbravando o artefato, sem saber que duas coisas

poderão acontecer com o passar do tempo: (a) o desinteresse, ou (b) um uso instrumental sem noção de o porquê e para que o usamos. Em outras palavras, um automatismo irrefletido.

Não se pode ignorar que o uso meramente instrumental pode gerar *experts* em pouco tempo, mas essa justamente é a questão de fundo, em especial no contexto comunicacional. Faz algum tempo que a proliferação de cursos de natureza técnica em áreas operacionais de mídia, os chamados “técnicos em Rádio/TV”, têm sido a solução para uma política educacional que tem preferido formar executores em detrimento de pensadores. Profissionais que operem bem as mídias e que se posicionem bem diante das câmeras podem ser bons comunicadores, mas talvez nem tão bons pensadores assim.

Existem questões de natureza epistemológica e filosófica as quais estão diretamente relacionadas ao uso indiscriminado de uma tecnologia. E delas podem resultar transformações radicais na cosmovisão e na missão denominacional. Paulo Cândido de Oliveira, falando sobre cosmovisão, revisita os critérios que estabelecem as chamadas cosmovisões universais: classificação, o eu, o outro, causalidade, tempo e espaço.¹ Dois deles cobram especial sentido quando pensamos em adoração via *streaming* ou pregadores virtuais.

Quando pensamos na perspectiva do critério “classificação”, entende-se que tal mediação recebida constantemente, finalmente será classificada/catalogada como um filtro de reconhecimento da realidade. As plataformas digitais serão, finalmente, a classificação da realidade adventista? Quem sabe fazer pode não saber por que faz, tampouco entender os efeitos disso na formação de um novo adorador.

Da perspectiva do “outro”, entende-se que os critérios de familiaridade definem nossos relacionamentos. Em outras

palavras: se minha cosmovisão depende em última instância de um “outro” e de minhas interações sociais com ele para se estabelecer, e está diretamente ligada à minha rede de interlocutores, é correto pensar que uma plataforma fria, onde estou só em conexão com um pregador, de fato terá reflexos em minha formação como cidadão do Reino.

Como ministério, talvez ainda não tenhamos uma geração de “evangelitubers”, criando aqui um neologismo, instrumentalizada para discutir essas implicações a médio e longo prazo. E talvez isso valha para ambas as dimensões: o próprio ministério e sua rede de fiéis. Sim, porque a curto prazo, ainda se seguirá o prazer do brinquedo novo. O certo é que os meios, como dizia McLuhan,² são em alguma instância comunicativa como extensões do próprio homem. Nesse processo, o perigo é chegar ao ponto em que, na proliferação do muito que dizer, a mensagem se perca em um meio difuso, de pouca retenção e tão fugaz como é o *streaming*. E como disse Maquiavel em sua célebre frase, já não ocorra que “os fins justifiquem os meios”, mas que os “meios [on-line] justifiquem os fins”.³

Novas relações?

Do uso das plataformas digitais surge a pergunta: Seremos, finalmente, adoradores não presenciais pós-coronavírus? Transformar a pergunta em afirmação ainda é um risco. Apressar-se em afirmar que a doxologia cúltica jamais será a mesma depois que fomos forçados a abandonar atitudes tão enraizadas como depositar o dízimo ou a oferta na salva a cada sábado, preparar-nos para sair de casa em direção à igreja, cantar de forma congregacional e expressar por meio de gestos o sentimento gregário do Corpo de Cristo reunido, parece muito precoce.

Se é certo que teremos um novo adorador, quem ele será? Alguém que sairá

mais forte dessa “sacudidura embrionária”, mais proativo e não tanto reativo às demandas do Reino? Alguém que já não precisará ser estimulado aos compromissos da vida religiosa? É preciso cautela com os “profetas do acontecido”, os que são definitivos nos primeiros movimentos do tabuleiro. Centenas de anos podem ruir em um clique, é verdade, mas seria demasiado arriscado bater o martelo ou jogar todas as fichas que está nascendo um adorador virtual, conectado e livre das rotinas presenciais cúlticas como resultado de uma quarentena.

Além disso, uma transformação nesse nível implicaria uma nova forma de liderar a igreja. É preciso que se diga que a dinâmica congregacional ao longo dos séculos sempre esteve sustentada por um rol de atividades promovidas de maneira presencial. O que, quando e como fazer sempre foi algo entregue a partir de um encontro. Foi sempre a presença física em um lugar, a igreja, que permitiu a administração do grau de efetividade no cumprimento da missão. A ideia de manter o Corpo ocupado executando tarefas em favor da expansão do Reino sempre esteve condicionada ao *feedback* presencial.

Nesse sentido, é pertinente a pergunta: As plataformas virtuais conseguirão manter o mesmo nível de engajamento dos membros no cumprimento da missão? Se essa ruptura se confirmar, estamos, de fato, em meio ao início de uma revolução espiritual que demandará um novo perfil de liderança e uma revisão de estruturas e estratégias de governança corporativa.

Notadamente se percebe que a “nova” era tecnológica abre espaço para uma nova figura dentro do espectro comunicacional. Joan Ferrés i Plat a chama de “*prosumer*”.⁴

Quem é esse indivíduo? Aquele que além de ser um consumidor é também um produtor de informação. Ao mesmo tempo, ele é a culminação do antigo modelo emissor-receptor, que ditou regra nos sistemas comunicativos analógicos. Com a invasão dos cultos on-line, das plataformas

virtuais e da possível adoração não presencial, não é difícil imaginar que os fiéis adventistas tomem a liberdade de assumir a postura “*prosumer*”, deixando de ser dependentes dos ensinamentos da igreja em termos de missão e cosmovisão.


Ao analisar as funções mediadoras da tecnologia virtual, Ferrés i Plat considera que as ferramentas digitais nunca são neutras. Ele assegura que as relações interpessoais mediadas pela tecnologia são inevitavelmente distintas das relações diretas e dá como exemplo a relação entre mãe e filho: “Uma mãe que, graças à tecnologia, se conecta com filhos que vivem a milhares de quilômetros, desfruta o prazer de vê-los e, ao mesmo tempo, padece da frustração de não poder abraçá-los.”⁵ Podemos vir a ser parte de uma igreja que se vê, mas que não se abraça. O autor finaliza afirmando que o “o modelo piramidal próprio da era industrial está sendo substituído por um modelo horizontal próprio da era digital”.⁶

Tal cenário demandaria uma rede horizontal de administração com muito maior conectividade do que o modelo vertical pôde promover até hoje. Por consequência, resultaria em um nivelamento organizacional e num achatamento estrutural. Em outras palavras, a igreja estaria estruturada em movimentos orgânicos e não mais em níveis interdependentes dentro de um organograma funcional, em que a chegada de uma informação, conteúdo ou plano eclesialístico depende de um canal hierárquico organizacional, os chamados condutores regulares. Isso é o que, de algum modo, já ocorre nos lugares em que a liberdade religiosa é restrita. Nessas condições, a informação flui por canais informais e os atores da ponta, os membros em especial, são mais influentes do que os líderes no modelo tradicional.

Se estivermos diante de uma nova era de adoração virtual, será preciso rediscutir os quatro eixos da igreja como organismo social, segundo David Bosch: *martyria*, *leitourgia*, *koinonia* e *diakonia*.⁷

Será necessário medir, a médio e longo prazo, o grau de disposição para o sacrifício dessa comunidade virtual, implícito no conceito da palavra grega *martyria*, desprovida do sentido congregacional, alimentada via *streamings*. Será urgente considerar a eficácia corporativa de uma nova liturgia, traduzindo a palavra grega bastante parecida, mediada por uma tela de computador e seus efeitos no *modus vivendi* do povo do advento. Será irrevogável considerar a capacidade de preservar o espírito do congregamento, que é algo inerente ao termo grego *koinonia*. E finalmente, será primordial encontrar mecanismos de envolvimento no serviço cristão e formas para medi-lo, aspecto central da *diakonia*.

Conclusão

Todos os pontos aqui levantados e discutidos têm seu lugar nos fóruns apropriados. Das conclusões que cada um deles possa produzir deverá inevitavelmente aparecer o caminho. Razão e não emoção. Argumentos e não paixões. Equilíbrio e não destemperos a um e outro extremo. Oração e consagração. E o tempo revelará a “mão de Deus ao leme”. 

Referências

- ¹ Paulo Cândido de Oliveira, “Worldview: Vital for mission and ministry in the 21st Century”, *Journal of Adventist Mission Studies*: v. 5, n. 1, p. 22-41, 2009.
- ² Marshall McLuhan, *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem* (São Paulo: Cultrix, 1995).
- ³ Nicolau Maquiavel, *O Príncipe* (São Paulo: Universo dos Livros, 2009, versão eletrônica).
- ⁴ Joan Ferrés i Plat, *Las Pantallas y el Cerebro Emocional* (Barcelona: Gedisa, 2014, versão eletrônica), posição 1516.
- ⁵ Joan Ferrés i Plat, *Las Pantallas y el Cerebro Emocional*, posição 1926.
- ⁶ *Ibid.*
- ⁷ David Bosch, *Misión en Transformación* (Grand Rapids, MI: Libros Desafío, 2005), p. 464.

CARLOS HENRIQUE NUNES
pastor em Bagé, RS



COMPORTAMENTO PROIBIDO

A homossexualidade em 1 Coríntios 6:9

Ekkehardt Mueller

O Novo Testamento tem vários textos que abordam direta ou indiretamente a questão do comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, um assunto amplamente discutido atualmente. Entre eles, os mais importantes são a discussão de Jesus sobre o casamento heterossexual em Mateus 19 e Marcos 10, bem como as declarações de Paulo em Romanos 1:26, 27; 1 Coríntios 6:9 e 1 Timóteo 1:10. Neste artigo, vamos analisar o texto de 1 Coríntios 6.

A Nova Almeida Atualizada (NAA) traduz os versículos da seguinte maneira: “Ou vocês não sabem que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não se enganem: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem afeminados, nem homossexuais, nem ladrões, nem avaros, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o Reino de Deus” (1Co 6:9, 10).

A palavra “homossexual” é usada para descrever o relacionamento íntimo entre pessoas do mesmo sexo. Muitos tradutores entendem que dois termos gregos em

1 Coríntios 6:9 se referem a esse comportamento. Por exemplo, a Almeida Revista e Atualizada, a Almeida Corrigida Fiel e a Bíblia de Jerusalém traduzem como “efeminados” e “sodomitas”; a Tradução Ecumênica da Bíblia traduz como “efeminados” e “pederastas”; e a Nova Bíblia Viva, como “homossexuais” e “efeminados”. Outras traduções agrupam os dois termos: por exemplo, a King James Atualizada versa “nem os que se entregam a práticas homossexuais de qualquer espécie”; a Nova Versão Transformadora diz “se entregam a práticas homossexuais” e a Nova Versão Internacional, “nem homossexuais passivos ou ativos”. Parte dessa linguagem não é aceita na sociedade moderna, mas pelo menos parece haver algum consenso entre os tradutores da Bíblia que 1 Coríntios 6:9 descreve a prática homossexual.

Contudo, muitos afirmam que Paulo não se refere a relações homossexuais monogâmicas em que há respeito mútuo, mas condena a pederastia, a prostituição

homossexual e as formas de homossexualidade exploradoras e desumanizadoras.¹

Se isso for verdade, nem todas as relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo seriam proibidas.² Assim temos que olhar mais de perto para entender o que Paulo tinha em mente.

O contexto

Antigamente as pessoas não conheciam somente os chamados “homossexuais contingentes” (pessoas que não são homossexuais, mas que estão entediadas com a heterossexualidade e se envolvem com parceiros do mesmo sexo) e os “homossexuais situacionais” (pessoas que, por falta de encontros heterossexuais, recorrem a atos homossexuais), mas também tinham alguma noção a respeito da “homossexualidade constitucional” (homossexualidade que se diz permanente e pode fazer parte da constituição das pessoas). Essa ideia é encontrada no mito andrógino de Platão. Jenell Paris afirma: “A literatura e os artefatos

antigos de gregos e romanos mostram relacionamentos duradouros, amorosos e sexuais entre pessoas do mesmo sexo que pertenciam à mesma classe social.¹³

O contexto imediato da passagem em questão envolve 1 Coríntios 5 a 7, cujo assunto é a sexualidade humana. No capítulo 5, Paulo menciona um caso de incesto em Corinto. Ele considera obrigatória a legislação de Levítico 18, que discute incesto e homossexualidade, e insta a igreja de Corinto a desassociar o membro envolvido em um relacionamento incestuoso com sua madrasta.⁴

No fim do capítulo, o apóstolo apresenta em uma pequena lista de vícios quatro categorias diferentes (v. 10), sendo a primeira os “impuros”. Essa lista é ampliada no próximo versículo por dois grupos adicionais. Os cristãos devem se separar dos membros da igreja que praticam esses vícios. Em 1 Coríntios 6:9 e 10, Paulo expande a lista de vícios do capítulo anterior para dez grupos.⁵

A lista de 1 Coríntios 6:9 e 10 indica que “os injustos [que] não herdarão o reino de Deus” são os mesmos apontados nos dez grupos subsequentes. É possível que essa listagem possa ser dividida em duas partes, porque quatro dos cinco primeiros grupos cometem pecados sexuais, e o que resta comete idolatria. Esses pecados são discutidos em 1 Coríntios 5 a 7.

No versículo 9, dois grupos parecem estar envolvidos em má conduta heterossexual, enquanto outros dois grupos se referem a pessoas envolvidas em má conduta homossexual. “Adúlteros” se aplica a pessoas casadas, enquanto os “impuros” [*pornoi*, “fornicadores”] pode se referir a solteiros, se o termo não for usado em seu sentido mais amplo, abarcando os demais tipos de mau comportamento sexual. O restante do capítulo 6 alerta contra o relacionamento com uma prostituta.

Em 1 Coríntios 6:16, Paulo cita Gênesis 2:24, fundamentando a discussão sobre sexualidade na criação e no ideal divino para o casamento e as relações sexuais.

O capítulo 7 continua descrevendo o casamento heterossexual, o celibato e o divórcio.⁶ A fim de evitar a *porneia*, que “cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido” (1Co 7:2). Não há espaço para a homossexualidade. “Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo” (v. 9, NVI). Paulo se refere claramente ao matrimônio heterossexual.

O texto

A passagem de 1 Coríntios 6:9 e 10, como parte desse contexto maior, é baseada em Levítico 18, no relato da criação e na exposição de Jesus sobre casamento e divórcio (Mt 19:3-12; Mc 10:1-12). Embora a igreja de Corinto, com seus problemas relacionados à sexualidade, seja citada, a questão é mais ampla. A interconexão dos capítulos 5 a 7 e seu pano de fundo do Antigo Testamento implicam uma dimensão universal, não limitada ao tempo, cultura ou apenas a certas formas de homossexualidade. Toda a passagem é prescritiva e não apenas descritiva. Portanto, Thiselton sugere que 1 Coríntios 6:9 e 10 é “uma passagem ainda mais importante e fundamental do que Romanos 1”.⁷ Praticar a homossexualidade exclui permanentemente as pessoas do reino de Deus, assim como qualquer outro vício mencionado por Paulo.

Os dois termos que tratam da homossexualidade em 1 Coríntios 6:9 são *malakoi* e *arsenokoitai*.⁸ *Malakoi* é traduzido como “efeminado”, “aqueles que fazem de si mesmos mulheres”, “jovens/homens prostitutas”, “homossexuais (pervertidos)” e “catamitas”. A palavra normalmente significa “suave” ou “luxuoso” e aparece quatro vezes no Novo Testamento (Mt 11:8 [duas vezes]; Lc 7:25; 1Co 6:9). As referências nos Evangelhos apresentam o mesmo evento e descrevem pessoas em roupas finas. O significado da palavra deve ser determinado pelo seu contexto. Jones aponta para a literatura cristã posterior (1 Coríntios 6, Policarpo), onde o termo descreve

uma pessoa indigna e poderia facilmente ser vista como efeminada.⁹ No entanto, ele admite: “Nada disso, é claro, nega a possibilidade de que o termo *malakos* incluísse o comportamento homossexual masculino.”¹⁰

Os *malakoi* não são apenas homens delicados, meigos ou fracos. A maioria dos intérpretes concorda que, em 1 Coríntios 6:9, esse termo se refere a homossexuais, especialmente a homens que desempenham o papel feminino em um relacionamento homossexual.¹¹ No versículo 9, *malakoi* está cercada por outras palavras referentes ao comportamento sexual e homossexual, o que indica que ela também tem um significado sexual e deve ser entendida como algum tipo de comportamento homossexual.¹² Gagnon vê isso confirmado na literatura extrabíblica, por exemplo em Filo, no primeiro século da Era Cristã.¹³ No entanto, restringir *malakoi* a crianças e à pederastia, como alguns fazem, não é apenas uma interpretação especulativa, mas insustentável.¹⁴

O termo *arsenokoitai* ajuda a definir *malakoi*. É uma expressão única, encontrada apenas nos textos de Paulo.¹⁵ De fato, o apóstolo pode realmente tê-la inventado. A palavra remonta a Levítico 18:22 e 20:13 (LXX). Lá, os termos *arsēn* e *koitē* que Paulo uniu formando apenas uma palavra, são encontrados separadamente.¹⁶ Uma tradução literal poderia descrever um homem deitado com outro na cama, tendo relações homossexuais. Seu significado não se restringe à pederastia.¹⁷ O *arsenokoitai* em 1 Coríntios 6:9 pode ser o parceiro ativo em um relacionamento homossexual.¹⁸

A severa penalidade por ser um *malakos* ou um *arsenokoites*, a exclusão do reino de Deus, indica que os dois termos se referem a homens adultos que, por livre e espontânea vontade, seja por orientação inata ou não, mantêm relações homossexuais.¹⁹

Malick observa: “Embora a escolha de Paulo das palavras ἀρσενοκοῖται e μαλακοί permita uma aplicação ao abuso da pederastia em seus dias, as palavras realmente

denotam um campo de referência mais amplo, incluindo todos os homens que têm relações sexuais com homens. Os pressupostos ilógicos de que (a) todos os relacionamentos sexuais são iguais diante de Deus, (b) as descrições de Paulo são de práticas excessivas e (c) a homossexualidade é uma expressão da sexualidade aprovada biblicamente, são prerequisites necessários para a conclusão popular de que Paulo estava discutindo apenas 'abusos' no comportamento homossexual. O apóstolo Paulo condenou todas as relações homossexuais em sua lista de vícios em 1 Coríntios 6:9, ao abordar a necessidade de os coríntios julgarem aqueles que estavam entre eles.²⁰

Conclusão

O ensino do Novo Testamento é comparável ao do Antigo Testamento. As duas partes das Escrituras concordam entre si. O Antigo Testamento contém textos que tratam claramente da homossexualidade; o mesmo acontece com o Novo Testamento. Ambos os conjuntos de textos não são limitados em abrangência e tempo e incluem todas as atividades homossexuais. Eles explicam que o comportamento homossexual é um pecado que demanda arrependimento e perdão.

Ao analisar 1 Coríntios 6:9 e 10, concluímos que o pano de fundo da criação e de Levítico 18 e 20 em 1 Coríntios 6, bem como o estudo do texto e seu vocabulário (v. 9), sugerem que, nessa passagem, homossexualidade inclui todas as formas de atividade homossexual e transcende uma aplicação limitada apenas à igreja de Corinto.²¹

Também é importante notar que a Bíblia não está interessada em discutir as causas ou os diferentes tipos de comportamento homossexual. Ela se concentra no próprio ato sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico e declara que esse comportamento se opõe à vontade de Deus. Ela não lida com a atração homossexual enquanto a pessoa permanece celibatária,

mas reconhece que é possível pecar com pensamentos impuros.²²

Em 1 Coríntios 6:11, Paulo acrescenta a seguinte declaração a respeito das pessoas envolvidas em um ou mais dos vários vícios listados anteriormente: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus." O apóstolo conclui que alguns membros da igreja de Corinto haviam se envolvido nessas atividades pecaminosas, incluindo a homossexualidade, mas desistiram desse comportamento e passaram a viver de maneira diferente.

Thiselton escreve: "Com base na distância entre o primeiro século e o século XX, muitos perguntam: 'A situação abordada pelo autor bíblico é genuinamente comparável à nossa?' Quanto mais os escritores examinam detidamente a sociedade greco-romana e o pluralismo das tradições éticas, mais a situação coríntia parece ecoar a nossa. [...] O que fica claro na conexão entre 1 Coríntios 6:9 e Romanos 1:26 a 29 e seu pano de fundo no Antigo Testamento é o endosso de Paulo à visão de que a idolatria, ou seja, permitir que a autonomia humana construa valores acima dos compromissos da aliança com Deus, leva a um colapso dos valores morais em uma espécie de efeito dominó."²³

Embora os cristãos respeitem todas as pessoas, sejam heterossexuais ou homossexuais, eles tentam ficar longe do pecado. **M**

Referências

- ¹ Andreas J. Köstenberger, *God, Marriage, and Family: Rebuilding the Biblical foundation* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2004), p. 216.
- ² James B. De Young, *Homosexuality: Contemporary claims examined in the light of the Bible and other ancient literature and law* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2000), p. 10, 11.
- ³ Jenell Williams Paris, *The End of Sexual Identity: Why sex is too important to define who we are* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press Academic, 2011), p. 57, 68.
- ⁴ O Concílio de Jerusalém (At 15) reconheceu a obrigatoriedade de Levítico 18 inclusive para os cristãos gentios.
- ⁵ Em todas essas listas, *porneia* é mencionada primeiro.

⁶ Anthony C. Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000), p. 447, 451.

⁷ *Ibid.*, p. 447.

⁸ Ver, por exemplo, David F. Wright, "Homosexuals or prostitutes: The meaning of *arsenokoitai* (1 Cor 6:9; 1 Tim 1:10)", *Vigiliae Christianae*, 38/2 (1984): 125-153; William L. Petersen, "Can *arsenokoitai* be translated by 'homosexuals' (1 Cor 6:9; 1 Tim 1:10)", *Vigiliae Christianae*, 40/2 (1986): 187-191.

⁹ John R. Jones, "'In Christ there is neither...': Toward the unity of the body of Christ", em David Ferguson, Fritz Guy e David R. Larson (eds.), *Christianity and Homosexuality: Some Seventh-day Adventist perspectives* (Roseville, CA: Adventist Forum, 2008), parte 4-9.

¹⁰ *Ibid.*, parte 4-10.

¹¹ Joseph A. Fitzmyer, *Romans* (Nova York, NY: Doubleday, 1992), p. 287; Ronald M. Springett, *O Limite do Prazer* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 177-179.

¹² William Loader, *Sexuality in the New Testament: Understanding the key texts* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2010), p. 30.

¹³ Robert A. J. Gagnon, "The Scriptural case for a male-female prerequisite for sexual relations: The New Testament perspective", em Roy Gane, Nicholas Miller e H. Peter Swanson (eds.), *Homosexuality, Marriage, and the Church: Biblical, counseling, and religious liberty issues* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2012), p. 84.

¹⁴ Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 449.

¹⁵ Em seu livro, De Young dedica um capítulo inteiro à discussão do termo (p. 175-214).

¹⁶ Köstenberger, *God, Marriage, and Family*, p. 216.

¹⁷ Gagnon, "The Scriptural case", p. 87.

¹⁸ Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 448-450; Dan Via e Robert Gagnon, *Homosexuality and the Bible: Two views* (Mineápolis, MN: Fortress Press, 2003), p. 83.

¹⁹ *Ibid.*, p. 82.

²⁰ David E. Malick, "The condemnation of homosexuality in 1 Corinthians 6:9", *Bibliotheca Sacra* 150 (1993): 492.

²¹ Thiselton, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 452.

²² Ver Mt 5:27-30.

²³ Deve-se lembrar que em Romanos 1:26 e 27 não é mencionada apenas a atividade homossexual masculina, mas também feminina.

Nota: Texto publicado originalmente no site do Instituto de Pesquisa Bíblica. Usado com permissão.

**EKKEHARDT
MUELLER**

diretor associado do
Instituto de Pesquisa
Bíblica





ESPERANÇA NA REDE

A internet como ferramenta para evangelismo direto, mobilização e discipulado

Silvano Barbosa

A igreja já aprendeu a ir para a rua. Agora precisamos entrar na sociedade. Como? Oferecendo serviços relevantes às comunidades ao redor das nossas igrejas e instituições. Para fazer isso, provavelmente precisaremos utilizar a internet, pois essa é a ferramenta mais eficaz para manter comunicação direta com as pessoas, onde quer que elas estejam. Não vamos abandonar os métodos evangelísticos que temos utilizado até aqui. Ao contrário, vamos utilizá-los ainda mais, à medida que aplicarmos essa abordagem. O objetivo deste artigo é oferecer uma proposta de como esse processo pode ser desenvolvido.

A tripla convergência

Em *The World is Flat*, Thomas Friedman apresenta uma breve história do século 21 e explica como o mundo passou a ter as características atuais. Friedman sugere que um dos fatores de maior relevância foi o que ele define como a “tripla convergência”¹:

A primeira convergência foi a integração de vários fatores, como a comunicação entre diferentes softwares, a terceirização, a produção em outros países, as ferramentas virtuais de busca e as diferentes tecnologias digitais, que possibilitou a criação de uma plataforma global de compartilhamento de

conhecimento e trabalho em tempo real, independentemente de geografia e distância, viabilizada por meio da internet.²

A segunda convergência refere-se à quantidade cada vez maior de profissionais de diferentes áreas, com diferentes qualificações, que está confortável com essa nova realidade e tem desenvolvido habilidades e práticas que nos permitem explorar as muitas possibilidades do mundo interconectado. Por isso, a cada dia, mais empresas e indivíduos se adaptam rapidamente e passam a utilizar essas oportunidades. A criação do *WhatsApp* e sua utilização em massa na América do Sul é um exemplo disso.

A terceira convergência é resultado da inserção repentina de um número cada vez maior de pessoas nesse novo contexto. Em todo o mundo, mais de 3 bilhões de pessoas passaram a ter acesso a essa nova conjuntura e foram habilitadas a competir e colaborar



de maneira mais igual, horizontal, e com ferramentas mais baratas do que nunca.

A tripla convergência transformou o mundo para sempre e agora nos permite fazer evangelismo de maneira mais pessoal e abrangente do que em qualquer outra época. Essa é a nova realidade à qual devemos nos adaptar.

A tenda de evangelismo só nos permitia alcançar diretamente as pessoas que vinham até nós, normalmente na periferia das cidades. A internet, por sua vez, nos permite ir diretamente às pessoas e manter comunicação com elas na periferia ou no centro, no bairro ou no condomínio, em casa, no trabalho, na rua ou no lazer, sejam elas ricas ou pobres, altamente instruídas ou sem qualquer instrução formal.

Contudo, não basta ter acesso às pessoas. A comunicação só será estabelecida se as pessoas nos escolherem, se estivermos oferecendo algo de que estejam precisando. Como fazer isso? A receita é antiga. Jesus ofereceu serviços: ensinando, pregando e curando (Mt 4:23); Ele ganhava a confiança, mostrando simpatia e suprimindo as necessidades das pessoas.³ Para aproveitar as possibilidades que o mundo interconectado nos oferece e ter a chance de mantermos comunicação direta com as pessoas, precisamos usar a internet para oferecer soluções para as necessidades delas.

Não tenho a pretensão de apresentar uma resposta definitiva para esse desafio. Ao contrário, acredito que à medida que uma quantidade maior de pessoas começar a pensar nessa direção surgirão diferentes maneiras de colocarmos esse conceito em prática. Apresento abaixo uma sugestão.

App Esperança

Imagine um aplicativo que poderia colocar à mão dos habitantes de uma determinada região todos os serviços que nossas igrejas, grupos, centros de influência, escolas, faculdades, internatos, editoras, fábricas de alimento saudável, lojas, restaurantes, Adra, rádios e TV estão oferecendo naquela área.

A principal característica desse aplicativo seria uma ferramenta de busca com uma pergunta do tipo: “Como posso ajudar você hoje?”. Fazer esse questionamento é importante, pois nos possibilita (1) conhecer as necessidades das pessoas, (2) saber a localização dessas pessoas necessitadas e (3) oferecer-lhes os serviços de que estão necessitando.

No momento em que a pessoa fizesse a busca, o aplicativo mostraria no mapa os pontos mais próximos onde ela poderia encontrar em nossas iniciativas o serviço de que precisa. Pelo aplicativo, o interessado poderia se inscrever para participar

do projeto, programa, curso, seminário, palestra, clínica, atendimento ou qualquer outro serviço que estejamos oferecendo. Ademais, ao permitir notificações do aplicativo, ele poderia ser informado a respeito de outros serviços oferecidos, além de ser alcançado também pelas redes sociais regionais.

Os serviços prestados à comunidade dariam às pessoas a oportunidade de conhecer nossa mensagem e nosso estilo de vida. À medida que o relacionamento fosse desenvolvido, poderiam conhecer também nossos pequenos grupos, classes bíblicas, séries de evangelismo e receber estudos bíblicos em casa. Esse é um exemplo simples de como podemos integrar os conceitos de evangelismo direto, por meio de uma abordagem indireta, em um formato adequado à época em que estamos vivendo.

Talvez, a maior limitação para o sucesso de uma abordagem como essa é o fato de ainda não termos em nossas igrejas uma cultura bem desenvolvida de ministérios de prestação de serviços relevantes à comunidade. Entretanto, não seria essa uma excelente forma de crescermos nesse aspecto?

Além disso, acredito que o maior benefício dessa abordagem seria a contribuição que daria aos processos de mobilização e discipulado da igreja.

Disciplinado e evangelismo

Uma de nossas principais responsabilidades como líderes da igreja é ajudar os membros a utilizarem seus dons, provendo continuamente novas formas de participação. Temos falado em ajudar as pessoas a descobrirem seus dons, mas normalmente elas sabem aquilo que gostam de fazer e fazem bem. Pesquisas sugerem que não há relação direta entre ajudar as pessoas a descobrirem seus dons e o aumento na participação. Por outro lado, há aumento no envolvimento sempre que criamos novas formas de participação.⁴

O segredo para engajar um número maior de pessoas é ajudá-las a fazer mais daquilo que até agora têm trazido satisfação espiritual a elas.⁵ Para fazer isso, é necessário proporcionar um ambiente que tenha oportunidades de envolvimento, motivação para a participação e habilidade de se envolver mais.⁶

O projeto “Meu Talento, Meu Ministério” foi uma das ações mais consistentes no sentido de ajudar cada membro a achar seu lugar no corpo de Cristo. Mesmo assim, ainda há um grande espaço para crescimento nessa área.

Ao criar uma plataforma de compartilhamento de serviços, na prática, estamos organizando uma “feira de exposições permanente”, na qual a igreja poderá oferecer seus préstimos e os membros terão oportunidade e motivação para desenvolver a habilidade de transformar seus dons em ministérios. Mesmo nas igrejas pequenas, no interior ou na periferia, os membros podem oferecer serviços compatíveis à área em que estão inseridos.

Adicionalmente, embora a igreja sempre deva oferecer serviços à comunidade, os membros têm níveis de interesse ou disponibilidade diferentes. Portanto, precisamos dar-lhes a oportunidade de desempenharem seus ministérios em diferentes períodos de tempo como uma vez por ano, uma vez por semana, uma semana por mês, uma vez por mês ou durante um trimestre.

Ao mesmo tempo, ao implementarmos uma abordagem como essa, fazemos um investimento concreto no disciplinado da igreja. Sabemos que o disciplinado é o processo de uma vida inteira que requer a participação do discípulo e da comunidade de crentes.

Projetos como “Reavivados por Sua Palavra”, “Crede em Seus profetas” e “Maná” têm provido a motivação e as ferramentas para ajudar a igreja a desenvolver um relacionamento pessoal com Deus e crescer em compromisso e maturidade cristã. Contudo, providenciar oportunidades de serviço talvez seja uma das ações mais relevantes que a comunidade de crentes possa fazer para contribuir no processo de disciplinado de cada membro.

Ao relacionar o serviço ao disciplinado, Ellen White afirmou: “O espírito de abnegação amor pelos outros proporciona ao caráter profundidade, estabilidade e formosura cristã e traz paz e felicidade ao seu possuidor.”⁷

O esforço para abençoar outros resultará em bênçãos sobre a própria pessoa, pois esse serviço desinteressado atrai o crente, “ligando-o mais estreitamente ao Redentor do mundo”.⁸ Assim como Jesus viveu na Terra para abençoar e ministrar a outros, a conduta do cristão deve ser um testemunho do trabalho da graça de Deus em sua vida. Desse modo, o serviço se transforma numa forma de transbordar o amor divino, à medida que participa do processo de santificação.⁹ Consequentemente, uma das mais claras evidências de disciplinado ocorre quando o cristão entende seus dons espirituais e os utiliza na forma de serviço desinteressado em favor dos outros.

Conclusão

Por volta do ano 2000, a convergência de vários fatores contribuiu para a criação de uma plataforma global de compartilhamento de conhecimento e trabalho, viabilizada pela internet. Desde então, profissionais de diferentes áreas têm desenvolvido um conjunto de habilidades e práticas que permitem que a cada dia mais empresas e pessoas explorem as

possibilidades do mundo interconectado. Essa é a nova realidade e, como igreja, precisamos nos adaptar.

Assim, a internet nos permite fazer evangelismo de maneira mais pessoal e abrangente do que nunca. No centro dessa abordagem está a ideia de oferecer serviços relevantes à comunidade, que serão escolhidos por meio de dispositivos móveis e realizados em nossas igrejas e instituições. Assim, faremos evangelismo direto, utilizando uma abordagem indireta, num formato adequado aos dias atuais. Ao mesmo tempo, a implementação desse conceito será um investimento concreto nos processos de mobilização e disciplinado da igreja.

Vivemos em uma época na qual precisamos decidir se vamos aproveitar apenas as oportunidades para as quais temos potencialidades, ou se vamos desenvolver novas potencialidades para aproveitar novas oportunidades. Essa escolha definirá a eficiência de nossas ações e, consequentemente, os resultados de nossos esforços. **M**

Referências

- ¹ Thomas Friedman, *The World is Flat* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2005), p. 173-200.
- ² *Ibid.*, p. 48-173, 176.
- ³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 143.
- ⁴ S. Thumma e W. Bird, “Mobilizando os Outros 80%”, *Foco na Pessoa*, v. 3, n. 4, p. 17, 2014; S. Thumma e W. Bird, *The Other 80 Percent* (San Francisco: Jossey-Bass, 2011), p. 1-56.
- ⁵ S. Thumma e W. Bird, “Os outros 80%: 20% da igreja produz 80% dos resultados, mas isso não tem que ser assim”, *Foco na Pessoa*, v. 3, n. 2, p. 18-25, 2014.
- ⁶ *Ibid.*, p. 23.
- ⁷ Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 80.
- ⁸ *Ibid.*, p. 79.
- ⁹ Denis Fortin, “Growing up in Christ: Ellen G. White’s concept of discipleship”, *Journal of Adventist Mission Studies*, v. 12, n. 2, p. 60-75, 2016.

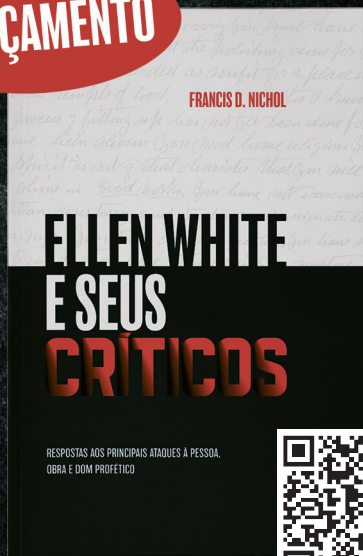
SILVANO BARBOSA

professor da Faculdade de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho



COMPLETE SUA BIBLIOTECA!

LANÇAMENTO

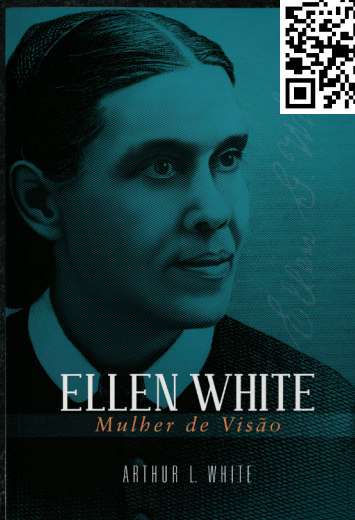


ELLEN WHITE E SEUS CRÍTICOS

Francis D. Nichol

Um clássico do movimento adventista, agora em língua portuguesa!

Escrito pelo editor-geral do *Comentário Bíblico Adventista*, o livro é um dos materiais mais profundos sobre o assunto: mais de 500 páginas com argumentos lógicos e consistentes.



ELLEN WHITE MULHER DE VISÃO

Arthur L. White

Este livro é a biografia mais ampla e detalhada sobre a vida da autora norte-americana. Produzida por seu neto Arthur L. White, a obra permite visualizar aspectos interessantes e reveladores de sua personalidade no papel de esposa, mãe, avó, conselheira, líder e fiel mensageira do Senhor.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Baixe o aplicativo CPB



O ESTADO PAPAL

A identificação da cabeça ferida de morte em Apocalipse 13

Ruben Aguilar

Apocalipse 13 começa descrevendo a imagem de uma besta que emerge do mar, provida de dez chifres e sete cabeças (v. 1). A narrativa profética continua relatando que a besta recebe do dragão “o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (v. 2). O dragão, nessas circunstâncias, parece representar o Império Romano, o qual, em forma paulatina, a partir do governo de Constantino, cedeu seus atributos de domínio político ao catolicismo romano, representado por essa besta. Esse domínio foi exercido pelo papado durante a Idade Média, por um período de “quarenta e dois meses” (v. 5), o que, de acordo com o princípio diano de interpretação profética, corresponde a 1260 anos.

A profecia ainda relata que uma de suas cabeças sofreu uma ferida mortal (v. 3). A expressão bíblica “ferida de morte” é atribuída ao sistema papal como um todo; mas, o destaque dado a uma das cabeças sugere que essa parte orgânica da besta representa uma estrutura vital do papado. Assim, a cura da ferida representa o restabelecimento do domínio político do sistema papal no tempo do fim; daí a importância de identificar qual estrutura é representada por essa cabeça ferida.

O presente estudo pretende sugerir uma ideia sobre a identificação da cabeça que foi ferida, pressupondo que o principal atributo da besta que surge do mar é seu domínio político e religioso durante a Idade Média, e que a cura da ferida é a recuperação desse poder no tempo do fim.

A cabeça ferida

Em sua maioria, os comentaristas bíblicos identificam semelhanças entre a besta de Apocalipse 13 e a besta de Apocalipse 17. Fazendo um apanhado do que dizem acerca das sete cabeças, elas podem representar várias organizações políticas através das quais a besta age;¹ o império do mal com todo poder incorporado nos impérios humanos;² as forças hostis que se levantam contra a igreja de Deus;³ sete fórmulas ou formas de governo de Roma;⁴ as primeiras cabeças dizem respeito à primeira fase de Roma, a fase pagã;⁵ as sete cabeças são sete reis;⁶ a cabeça ferida é Nero, segundo a *legenda redivivus*;⁷ e em anos recentes, alguns relacionam as sete cabeças com os sete últimos papas.⁸

Contudo, a ênfase da descrição apocalíptica está na cabeça ferida de morte, a qual representa parte vital da organização papal; mas, não o todo. Conhecer qual é essa parte pode facilitar a identificação e a representação da cabeça ferida.

O sistema papal, em sua amplitude, apresenta três graus hierárquicos: episcopado, presbiterado e diaconato. O grau mais elevado é o episcopado, formado por prelados considerados sucessores dos doze apóstolos. Nesse grau hierárquico encontra-se o papa, honrado como sumo pontífice, chefe eclesiástico, vigário de Cristo na Terra. Duas instituições complementam esse nível: o Colégio de cardeais, cujos integrantes elegem e aconselham o papa; e a Cúria romana, cujos membros



auxiliam o papa no governo da igreja. Além dessa estrutura primária e fundamental, o papado configura seções administrativas denominadas congregações. As principais dessas seções são: a Congregação do Santo Ofício, dos Sacramentos, do Conselho Disciplinar, dos Negócios Espirituais, do Index, a Secretaria do Estado e a Corte, com a função específica de fortalecer a influência política do papado.

A expressão Santa Sé faz referência ao governo da igreja. Esse atributo é da Cúria romana e do secretário de Estado, que tem incumbência igual à de um primeiro-ministro nas nações organizadas. É essa parte da organização que exerce o poder do Estado Papal, com a qual o papado se nivela ou manifesta domínio político sobre as nações.

O Estado Papal

O período profético de “quarenta e dois meses” (v. 5), tempo concedido à besta para difamar o nome de Deus (v. 6) e pelear contra os “santos” e os vencer (v. 7), começa em 538 d.C. A partir dessa data, vários eventos ocorreram permitindo que o papado alcançasse domínio político sobre as nações. O principal foi a formação do Estado Papal, pelo qual o papado obteve a soberania de um território geográfico.

Em 747, Pepino III, mordomo da França, o mais poderoso governante da Europa, solicitou ao papa Zacarias (741-752) a imposição da coroa para governar com o título de “rei”. Três anos depois, os lombardos, liderados por Astolfo, ameaçaram ocupar Roma. Diante da iminência desse fato, o papa Zacarias solicitou a proteção do mordomo dos francos. Alguns meses mais tarde, para efetivar esse auxílio, o pontífice enviou Bonifácio, seu emissário, à França, a fim de coroar Pepino III.

Em 752, Zacarias morreu e foi substituído por Estevão II. Ameaçado pela invasão dos lombardos, o novo papa fugiu para a Gália. Após dois anos, o exército de Pepino III invadiu a Itália e derrotou os lombardos. Libertado do perigo, e para referendar o título de “rei”, Estevão II, no mosteiro de Dennis, coroou novamente Pepino III. Ao analisar essa atitude, Edward Gibbon afirmou que o papa presumiu estar dotado do “caráter de divino embaixador”.⁹ Esse fato foi seguido por uma troca de gentilezas e elogios que iam além dos limites de consciência dos atores. Estevão II considerou Pepino III o “salvador do cristianismo”¹⁰ e lhe conferiu o título de “Rei dos Francos” e *Patricius Romanorum*.¹¹

Constrangido pelos títulos que recebeu, Pepino III doou terras ao papado, declarando fazer isso pela “remissão dos seus pecados e salvação da sua alma”.¹² A área concedida, mediante o documento “Doação de Pepino”,¹³ abrangia todo o território de Ravena e Roma; uma grande faixa geográfica que atravessava a Itália unindo o Adriático ao Tirreno. No intuito de dar aparência de legitimidade àquela doação, inventou-se o título de *Restitutio* (restituição). Além disso, para justificar essa mentira, divulgou-se que essa “restituição” estava fundamentada em um documento questionável chamado “Doação de Constantino”.¹⁴

O texto diz que quando Constantino foi vitimado por “imunda lepra”, os apóstolos Pedro e Paulo apareceram para lhe assegurar que Silvestre, bispo de Roma, seria o instrumento de sua cura. Em gratidão, o imperador determinou que Silvestre governasse as quatro principais Sés e recebesse o palácio imperial de Latrão e todas as províncias e distritos da cidade de Roma.¹⁵ Edward Gibbon concluiu que os documentos “Doação de Pepino” e “Doação de Constantino” eram os “dois pilares mágicos da monarquia temporal e espiritual do papado”,¹⁶ e acrescentou que o papa, pela primeira vez, foi investido com as “prerrogativas de um príncipe temporal”.¹⁷



Alguns anos mais tarde, Carlos Magno, filho de Pepino III, ratificou a “Doação de Pepino” e, com o papa Leão III, estabeleceu o chamado Sacro Império Romano do Ocidente, uma instituição espúria que unia o Estado e a Igreja.¹⁸ Esse empreendimento promoveu três objetivos: estabelecer um poder militar para destruir os inimigos; constituir um poder religioso para dominar a consciência humana; manter um poder intelectual para orientar o pensamento das pessoas.¹⁹

Alcance do Estado Papal

O papado, com a autoridade que emanava do Estado Papal, exerceu poder e domínio político sobre as nações durante a Idade Média e Moderna até o período Napoleônico. Muitos papas exaltaram as ousadas prerrogativas de poder defendidas por seus antecessores. Gelásio I (492-496), por exemplo, declarou que o mundo era governado por dois poderes: o real e o pontifical, sendo este último o mais importante, porque respondia diante de Deus. Símaco (498-514), por sua vez, defendeu dogmaticamente a suposta “impecabilidade do papa”.

O Estado Papal concedia ao papado poder político para humilhar reis e nobres de outras nações e prelados insubordinados. Nicolau I (858-867), autodenominado “segundo Elias”, humilhou e ditou excomunhão ao rei Lothar da França. Gregório VII (1073-1085), no conflito das investiduras, pronunciou a excomunhão do poderoso rei germânico Henrique IV, que humilhou-se atravessando os Alpes nevados, velando por três dias fora dos recintos do papa.²⁰ Inocêncio III (1198-1216) afirmou que o papa é inferior a Deus e superior ao homem; debaixo de Deus, acima do homem; alguém que julga a todos e ninguém pode julgá-lo. Ele ameaçou destituir o rei João da Inglaterra, colocando toda a nação sob interdito.²¹ Bonifácio VIII ditou várias bulas para humilhar o rei Filipe, o formoso, da França, sendo a mais impactante a bula *Unam Sanctum*, na qual define os poderes de Deus na Terra.

Sob a égide do Estado Papal, o papado conclamou as nações europeias a formar parte das forças militares nas Cruzadas. A motivação para essa farsa de cristianismo apologético era a “absolvição plena” dos pecados. Os nobres e governantes que não se envolvessem nas batalhas poderiam obter esse benefício pagando grandes somas de dinheiro. Além disso, eles fundaram ordens militares para proteger o papa, como os Templários e os Cavaleiros de Malta.

A soberania do Estado Papal e o poder que o papa ostentava foi motivo de cobiça das poderosas famílias italianas do século X, como os Spoletto, Túsculo, Crescêncio e Toscani. Nesse período, o papa era nomeado pela família com maior poder na ocasião, cuja organização criminosa permeava a máfia dominante daquela época.

Foi pela condição soberana do Estado Papal que o catolicismo medieval impôs penalidades que conduziam pessoas de qualquer classe social e nacionalidade a momentos de agonia e sofrimento. Essas penalidades eram a excomunhão, o anátema, o interdito, e a mais impiedosa e sanguinária máquina punitiva, sarcasticamente denominada de “Santa Inquisição”.

Conclusão

A instituição do Estado Papal outorgou ao papado da Idade Média a condição de superpotência de domínio político. Essa foi a peculiaridade da estrutura da organização papal, e profeticamente caracterizou a natureza aterradora da besta que surgiu do mar. A perda das prerrogativas do Estado Papal é a ferida mortal. Essa afirmação não se define em um único ato político, mas é um processo que começou com a prisão do Papa Pio VI pelas forças napoleônicas, em 1798. A cura é a recuperação dos atributos do Estado Papal e não pode ser definida por um único ato também. Ela começou com o tratado de Latrão, assinado em 1929, entre o papado e Benito Mussolini; pelo qual a Igreja Romana recebeu uma área de 44 hectares para se constituir

num estado independente e soberano, denominado Estado do Vaticano. ■

Referências

- ¹ Francis Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 7, p. 894.
- ² *The Wesleyan Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1966), v. 6, p. 474.
- ³ *The Biblical Illustrator*, Revelation 13, disponível em <tinyurl.com/y73cz8ve>, acesso em 23/4/2020.
- ⁴ Leroy Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers* (Washington, DC: Review and Herald, 1954), v. 4, p. 148.
- ⁵ Aracely Mello, *A Verdade Sobre as Profecias do Apocalipse* (São Paulo: Edigraf, 1959), p. 336.
- ⁶ David Aune, *Revelation 6-16*, Word Biblical Commentary (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998), Rev. 13.
- ⁷ Frank Gaebelien (ed.), *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), v. 12, p. 522.
- ⁸ Kenneth Strand, “The Seven Heads: Do they represent Roman emperors?”, em *Symposium on Revelation* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1992), v. 2, p. 178.
- ⁹ Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire* (Londres: Encyclopedia Britannica, 1980), p. 204.
- ¹⁰ Ibid.
- ¹¹ F. Cross, E. Livingstone (eds.), *The Oxford Dictionary of the Christian Church* (Nova York: Oxford University Press, 2005), p. 1.263.
- ¹² Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, p. 206.
- ¹³ Bruce Shelley, *Church History in Plain Language* (Waco, TX: Word, 1982), p. 194.
- ¹⁴ Janus, *O Papa e o Concílio*, 3ª ed. (Rio de Janeiro: Elos, s/d), p. 26.
- ¹⁵ Henry Bettenson (ed.), *Documentos da Igreja Cristã* (São Paulo: ASTE, 2001), p. 168-172.
- ¹⁶ Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, p. 206.
- ¹⁷ Ibid.
- ¹⁸ H. Muirhead, *Historia del Cristianismo* (El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1953), v. 1, p. 240.
- ¹⁹ Bruce Shelley, *Church History in Plain Language*, p. 194, 195.
- ²⁰ A. Knight e W. Anglin, *História do Cristianismo* (Rio de Janeiro: CPAD, 2001), p. 126, 127.
- ²¹ H. Muirhead, *Historia del Cristianismo*, p. 278, 279.

RUBEN AGUILAR

professor emérito da
Faculdade de Teologia do
Unasp, Engenheiro Coelho



DESAFIOS NO AMAZONAS

Visítamos em Manaus o governador e o levamos em passeio na *Luzeiro*. Ele ficou muito impressionado com nosso trabalho. Além de nos entregar um conto e quinhentos em dinheiro, forneceu-nos uns dois contos e quinhentos em medicamentos para tratar os doentes. Ao regressarmos, isso proporcionou a muitos pobres sofredores verdadeira bênção, pois na viagem rio acima usamos todos os remédios que nos foram dados pelo Estado do Pará. Em três grandes lagos visitados por nós, encontramos condições quase inacreditáveis. Quando estivemos em Parintins [AM], veio a nós um membro da Igreja Batista, pedindo-nos que visitássemos o lago Curumucuri. Disse-nos que havia lá muitos membros dessa igreja, e todos estavam com malária. Ao pôr do sol, entramos no mais belo lago que já vi ao longo do Amazonas, mas, ao ancorarmos, verificamos que o ar estava cheio dos mosquitos *Anopheles*, transmissores da terrível febre.

Na manhã seguinte, muito cedo, ao realizarmos o culto, vimos uma canoa que vinha até nós. Era o dirigente da Igreja Batista. Perguntou-nos se tínhamos qualquer medicamento para combater a febre. Ao respondermos afirmativamente, ele disse: “Esse barco está aqui em resposta à oração. [...]” Na noite anterior, haviam realizado uma reunião de oração, pedindo a Deus que lhes enviasse auxílio e, na manhã seguinte, lá estava a *Luzeiro*.


Ele nos levou ao seu templo e, durante todo aquele dia, trouxeram-nos os doentes



a fim de serem tratados. Tratamos mais de duzentos pacientes. À noite, convidamos-nos a pregar. Acendemos as luzes e, pendurando-as na *Luzeiro* e na Igreja Batista, falamos para cerca de 140 pessoas. Após a reunião, continuaram a nos trazer os doentes, e aplicamos mais 106 injeções de quinino contra a malária, perfazendo o total de mais de 300. No dia seguinte, visitamos vários lares em que havia pessoas demasiado doentes para ser levadas até nós e ouvimos muitas histórias tristes. Desde outubro último, havia morrido metade dos habitantes desse lago.

Levaram-nos a uma casa em que sucumbiram à febre o pai, a mãe e um filho, deixando para sepultá-los apenas uma criança de 10 anos. Como ela os tinha colocado em sepultura muito rasa, os cães os desenterraram e os arrastaram em derredor. Em outro lar, faleceram duas senhoras e uma menina, deixando uma pequena de seis anos de idade. Encontraram-na quase

morta de fome, e os corvos já lhes devoravam o cadáver.

No segundo dia se esgotou a provisões de medicamentos, mas tínhamos tratado quase todos. Ao partirmos, pediram-nos que voltássemos no próximo ano, a fim de pregar-lhes o evangelho. Esperam ter então melhor saúde, para poder assistir às reuniões. Isso dá a vocês mais ou menos uma ideia do que encontramos ao trabalhar ao longo do caudaloso Amazonas. Nessa viagem tratamos 5.280 enfermos. 

Referência

Extraído de “O evangelho nas selvas do Amazonas – II”, *Revista Adventista*, julho de 1938, p. 7, 8.

LEO HALLIWELL

pioneiro da obra médico-missionária no Brasil



VIDA PLENA

A saúde do povo de Deus
no tempo do fim

Cesar Gálvez



O objetivo deste artigo é apresentar, da perspectiva da Bíblia e dos escritos de Ellen White, o estilo de vida saudável que Deus recomendou ao Seu povo no tempo do fim. O texto está dividido em três seções. Primeiro, expõe o estilo de vida inovador e revolucionário que o Senhor indicou a Israel em preparação para sua entrada em Canaã. Na sequência, discorre sobre o estilo de vida recomendado por Deus, conforme foi ensinado por Ellen White, encontrado na mensagem adventista de saúde. Finalmente, o artigo propõe uma reflexão sobre o estilo de vida saudável recomendado por Deus à Sua igreja, enquanto ela trabalha preparando um povo para a volta de Cristo e sua entrada na Canaã celestial.

Princípios bíblicos de vida saudável

Depois que Deus libertou Israel de maneira sobrenatural da escravidão do Egito, Moisés e o povo louvaram seu Libertador (Êx 15:1-21). Eles cantaram sobre o amor e o poder ilimitados do Senhor, "glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas" (v. 11).

No entanto, o povo mudou repentinamente (Êx 15:22-25), depois de sofrer uma dupla frustração. Primeiro, não encontrou água por três dias; segundo, quando encontrou água, ela estava imprópria para o consumo. O Israel liberto, mas desidratado, perdeu a confiança em seu Libertador e apresentou uma queixa contra Moisés. Novamente, Deus solucionou o problema de Seu povo. Ele indicou a planta que tornaria potável a água contaminada, e Israel pôde saciar sua sede. Em Mara, as águas amargas foram transformadas em água doce. Então o Senhor "deu-lhes ali estatutos e uma ordenação, e ali os provou" (v. 25).

Observe que, nesse contexto de purificação milagrosa da água por meio de um recurso natural, Deus anunciou um sistema de saúde e propôs um estilo de vida que teria como recompensa a proteção e prevenção de doenças, bem como a sanidade e promoção da saúde: "Se ouvires atento a voz do Senhor, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos Seus olhos, e deres ouvido aos Seus mandamentos, e guardares todos os Seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois Eu sou o Senhor, que te sara" (Êx 15:26). Depois de dar a Israel essa promessa, o povo continuou viajando e, em Elim, foi abençoado ao encontrar 12 fontes e 70 palmeiras (Êx 15:27).

Essa orientação divina, que constitui um mandamento com promessa, é a base do sistema de saúde e do estilo de vida saudável proposto por Ele a Seu povo. Deus afirma que a dinâmica de saúde ou doença depende em grande parte da adesão ou não adesão às Suas leis. A saúde é a recompensa pela obediência, enquanto a doença é o resultado da desobediência.

O estilo de vida que o Senhor propõe ao Seu povo é “escute atentamente”, “faça a coisa certa”, “ouça Suas leis naturais e espirituais” e viva de acordo com elas. Essa mesma proposta foi repetida por Moisés antes que Israel entrasse em Canaã: “Será, pois, que, se, ouvindo estes juízos, os guardares e cumprires, [...] o Senhor afastará de ti toda enfermidade; sobre ti não porá nenhuma das doenças malignas dos egípcios, que bem sabes; antes, as porá sobre todos os que te odeiam” (Dt 7:12, 15).

Em Deuteronômio 28 a 30, o tema se amplia. O resultado desse primeiro sistema de saúde organizado foi um sucesso. Quando os filhos de Deus confiaram na promessa e fizeram sua parte, “entre as suas tribos não havia um só inválido” (Sl 105:37). Ao viverem conforme o estilo de vida proposto pelo Senhor, baseado na total confiança em seu Criador e na obediência a Suas leis morais e naturais, foram recompensados com saúde plena.

No contexto histórico do século XV antes de Cristo, o sistema de saúde organizado por Deus e Sua proposta de estilo de vida para Seu povo eram revolucionários, extraordinários e únicos. Naquela época, as nações ao redor de Israel acreditavam que saúde e doença eram o resultado das interações de forças sobrenaturais que estavam além do controle humano.¹

Assim, as diferentes divindades lutavam entre si, e a humanidade colhia as consequências para o bem ou para o mal expressas frequentemente por meio da saúde ou doença. As pessoas, portanto, eram sujeitos passivos da distribuição de saúde e doença em suas populações. A elas restavam as seguintes atitudes: pacificar os deuses ou obter o favor deles por meio de sacrifícios que, às vezes, envolviam sacrifícios humanos; e proteger-se usando as artes, truques e rituais mágicos.

Nesse contexto, quão revolucionário foi o fato de que Deus colocou a dinâmica da saúde e da doença, em grande parte, nas mãos do povo! Saúde e doença, na abordagem divina, não dependiam de

forças sobrenaturais ou divindades, mas de decisões e ações individuais em relação à adesão ou não às leis que o Criador havia estabelecido.

Mensagem adventista de saúde

O estilo de vida revelado por Deus a Israel antes de sua entrada em Canaã foi sistematizado e aplicado ao nosso tempo por intermédio do ministério de Ellen White. Isso é conhecido como reforma de saúde, mensagem de saúde ou mensagem adventista de saúde.² O propósito de Deus em dar essa mensagem a Seu povo foi (1) “diminuir o sofrimento de nosso mundo”;³ (2) “purificar Sua igreja”, em preparação para a entrada na Canaã celestial;⁴ e (3) usá-la como cunha de entrada para a evangelização, pois “se virem que somos inteligentes com relação à saúde, estarão mais prontos a crer que somos corretos também em doutrinas bíblicas”.⁵ Esses três propósitos estão inseridos em um contexto escatológico.

O que envolve a mensagem de saúde? Envolve todo o estilo de vida; é uma mensagem muito ampla que abrange hábitos de saneamento e higiene, comportamento pessoal e modo de tratamento de enfermidades. Abrange todas as dimensões da vida, em todas as idades. Na mensagem de saúde não há lugar para enfatizar apenas um hábito em particular, mas todo o estilo de vida.

Aqui está um vislumbre do conteúdo da mensagem adventista de saúde. Começa com o cuidado das influências físicas e emocionais pré-natais da mãe na criança, que moldam sua mente e seu caráter;⁶ o peso adequado do bebê ao nascer, resultante da ingestão de alimentos mais nutritivos;⁷ e a importância da amamentação como alimento ideal na primeira fase da vida infantil.⁸

Depois, segue com a promoção de uma alimentação rica em cereais, frutas, nozes e verduras, preparados da maneira mais natural possível, cujo resultado é vigor físico e mental maior do que qualquer outra dieta.⁹ Além disso, a mensagem de saúde adventista enfatiza a importância da atividade física e seu impacto não apenas no aspecto

físico, mas também nas dimensões mental e espiritual, ao afirmar que “tanto o vigor mental como o espiritual dependem em grande parte da força e atividade física”.¹⁰

Também promove o cuidado da saúde mental por meio de atitudes corretas: “Muito íntima é a relação que existe entre a mente e o corpo. [...] Muitas das doenças sofridas pelos homens são resultado de depressão mental. Desgosto, ansiedade, descontentamento, remorso, culpa, desconfiança, todos tendem a consumir as forças vitais e a convidar a decadência e a morte.”¹¹

Ademais, a mensagem de saúde apoia a medicina, porque “Cristo é a verdadeira cabeça da profissão médica”,¹² e fomenta a promoção da saúde pública, declarando que os profissionais da área devem capacitar pastores e membros da igreja sobre como mudar hábitos de saúde e ministrar tratamentos simples para curar as doenças, enquanto cumprem a missão.¹³

Por fim, a mensagem adventista de saúde ilustra a dinâmica da cura eficaz, ensinando que o paciente deve procurar a causa de sua doença, corrigi-la e cooperar com agentes naturais usados por Deus para sua restauração.¹⁴

O propósito fundamental dessa mensagem é levar as pessoas a alcançar vida plena. A vida abundante prometida por Jesus (Jo 10:10) é obtida por meio da aceitação e prática das orientações reveladas por Deus. Só Cristo dá às pessoas a salvação e a vida eterna e lhes acrescenta qualidade e quantidade de vida, quando elas vivem de maneira saudável.

Somente aqueles que foram transformados pela graça de Deus e capacitados por Seu Espírito conseguem viver um estilo de vida em harmonia com Suas leis naturais e morais. Jesus é “o Senhor que te sara” de Êxodo 15:26, que deu a mensagem de saúde a fim de contribuir para a preparação do caráter de Seu povo para esta vida e a vida futura. “O que quer que promova a saúde física promoverá o desenvolvimento de um espírito robusto e um caráter bem equilibrado.”¹⁵

Estilo de vida no tempo do fim

Deus apresentou orientações sobre saúde a Seu povo como parte da preparação para a entrada na Canaã terrestre. A dinâmica de saúde e doença dependia em grande parte do estilo de vida de Israel. O Senhor novamente apresenta essas orientações por meio da mensagem adventista de saúde, em preparação para a entrada na Canaã celestial e como meio eficaz para cumprir a missão de anunciar o evangelho a todas as pessoas (Mt 24:14).

Nestes dias em que os sinais anunciam a vinda de Jesus, a ciência corrobora o estilo

de vida que o Senhor apresentou a Seu povo há 3.500 anos, demonstrando que a dinâmica de saúde e doença depende em grande parte da responsabilidade individual nas escolhas e práticas diárias; isto é, do ponto de vista bíblico, da adesão ou não adesão às leis de saúde dadas por Deus.

O Novo Testamento reforça o mesmo conceito ao dizer: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Ts 5:23). Assim, quando conservamos a saúde, todo o ser, incluindo a

dimensão física, é santificado por Deus e preservado sem defeitos, o que sugere um estilo de vida saudável para ter uma vida plena e cumprir a missão.

O estilo de vida saudável proposto pelo Senhor é apropriado para o tempo do fim, e visa trazer alívio e bênção em meio ao sofrimento, saúde e cura em meio a pandemias globais incontroláveis. A mensagem adventista de saúde, que contribui para preparar o caráter daqueles que estão caminhando em direção à Canaã celestial, exige respeito em vez de zombaria, admiração em vez de desprezo, gratidão em vez de indiferença, amor e tato em sua promoção em vez de críticas e aspereza, e a decisão de aprender mais, mudar de atitude e praticar gradual e progressivamente suas orientações. **IV**

Um estilo de vida saudável inclui



Manter comunhão diária com Deus por meio do estudo de Sua Palavra, da oração e do serviço ao próximo.

Praticar diariamente atividade física moderada/aeróbica por 35 a 45 minutos.



Dormir pelo menos 8 horas por noite.

Tomar um bom desjejum e evitar jantar muito tarde.



Evitar o consumo de alimentos cárneos, processados, doces, fritos e salgados, incluindo refrigerantes e sucos artificiais.

Consumir generosamente água, cereais integrais, grãos, nozes, frutas, tubérculos e uma variedade de vegetais crus e cozidos, preparados da maneira mais natural possível.



Cuidar da saúde mental, gerenciando adequadamente o estresse e a depressão.

Superar vícios por substâncias ou comportamentos destrutivos pelo poder de Deus e por meio de atendimento psicológico.



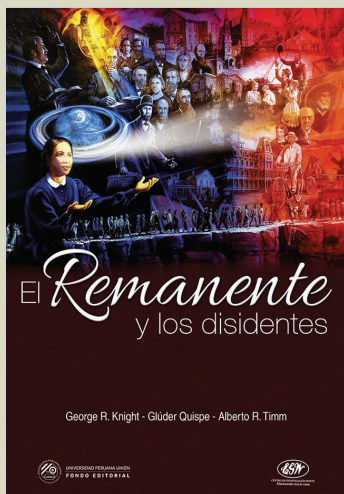
Referências

- ¹ Dorothy Porter, *Health, Civilization and the State: A history of public health from ancient to modern times* (Londres: Routledge, 1999).
- ² Cesar Gálvez, *Poder Para Cambiar: Los hábitos de salud de manera agradable y para siempre* (Lima: Editorial Imprenta Union, 2002).
- ³ Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 443.
- ⁴ *Ibid.*, p. 444.
- ⁵ Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 76.
- ⁶ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 372.
- ⁷ Ellen G. White, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 219, 220.
- ⁸ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 383.
- ⁹ *Ibid.*, p. 296.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 195.
- ¹¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 241.
- ¹² *Ibid.*, p. 111.
- ¹³ Ellen G. White, *Beneficência Social* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), p. 127.
- ¹⁴ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 112.
- ¹⁵ Ellen G. White, *Educação*, p. 195.

CESAR GÁLVEZ

diretor da Escola de Pós-graduação da Universidade Peruana União



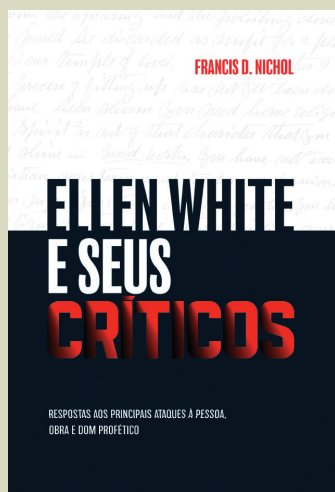


El Remanente y los Disidentes

George R. Knight, Glúder Quispe e Alberto R. Timm, UPeU, Fondo Editorial, 2015, 320 p.

Nos últimos anos, o tema sobre o povo “remanescente de Deus” tem sido o centro de muitos estudos. O que diz a Bíblia a respeito? O que se entende por remanescente? O propósito dos autores nesta obra é mostrar que existe um remanescente escatológico de acordo com Apocalipse 12:17 e 14:12; no entanto, ao longo da história, alguns romperam com ele tornando-se dissidentes.

O livro contém 12 capítulos. Glúder Quispe aborda o remanescente histórico e escatológico da perspectiva bíblica e o conceito de remanescente para os adventistas. Alberto Timm apresenta um panorama dos principais movimentos dissidentes, o fenômeno da aculturação das igrejas cristãs e o drama da apostasia. George Knight trata a questão da origem dos movimentos dissidentes e a teologia de M. L. Andreasen sobre a “última geração”. A obra ainda disponibiliza um apêndice com resenha biográfica.

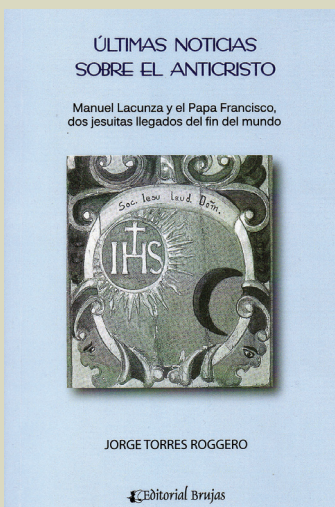


Ellen White e Seus Críticos

Francis D. Nichol, Casa Publicadora Brasileira, 2020, 568 p.

A vida e o ministério de Ellen White têm sido alvo de ataques desde o século 19 até nossos dias. Nesta obra clássica, Francis D. Nichol, um dos maiores defensores da fé adventista, retoma as principais acusações feitas contra Ellen White e responde aos críticos com sólida fundamentação. As críticas são colocadas em seu pano de fundo e analisadas de modo minucioso, sem fugir às perguntas difíceis. Assim, todos os que desejam respostas honestas sobre as principais polêmicas acerca da autora encontrarão aqui uma excelente fonte de pesquisa.

Em uma época de boatos e discussões rasas, esta obra apresenta ao leitor uma defesa da fé que conjuga honestidade intelectual, precisão histórica e compromisso com os fatos. Por esse motivo, *Ellen White e Seus Críticos* é uma leitura indispensável tanto aos que duvidam quanto aos que creem.



Últimas Noticias sobre el Anticristo: Manuel Lacunza y el Papa Francisco, dos jesuitas llegados del fin del mundo

Jorge Torres Roggero, Editorial Brujas, 2016, 104 p.

Jorge Roggero é doutor em Literatura Moderna e professor emérito da Universidade de Córdoba, Argentina. Nesta obra, ele tem como objetivo caracterizar e identificar o anticristo a partir do pensamento de dois jesuítas que foram “do fim do mundo” para a Europa: Manuel de Lacunza y Dias (1731-1801) e Jorge Mario Bergoglio, atual papa Francisco (1936).

A análise do pensamento de Lacunza surge de sua obra *La Venida del Mesias en Gloria y Majestad* (1816), a qual descreve a natureza corporativa do anticristo. Por sua vez, a do papa Francisco é extraída de seus discursos e escritos, nos quais ele identifica o anticristo como uma corporação moral anticristã ou o neoliberalismo.

A obra de Roggero chama atenção por destacar as contribuições de Manuel Lacunza para o estudo das profecias. Seu esforço por entender o método teológico e as reflexões de Lacunza é notável, porque vem de um erudito da literatura com profundo interesse social e religioso.

“El mensaje de los tres ángeles en un contexto posmoderno”

Revista *DavarLogos*, v. 1, 2, nº 12, 2013, p. 243-256

Alfredo Favio Albarenque Gómez

(publicaciones.uap.edu.ar/index.php/davarlogos/article/view/129)

A mensagem de Apocalipse 14:6 a 12 é apresentada dentro de um contexto profético, que tem seu cumprimento no desenvolvimento da contemporaneidade. Esta tem gerado no transcurso do século 20 e início do século 21, uma nova estrutura de pensamento, um novo conceito de indivíduo e comunidade que facilitará a ação da besta em um momento oportuno.

Nesse contexto, requer-se que o povo de Deus tenha uma estrutura de pensamento que se adapte às características descritas pelo Apocalipse, que se contraponha à besta por meio do poder de Deus. Um povo santo, irrepreensível, que se opõe às teorias e abordagens do pensamento contemporâneo e pós-moderno. Um povo portador da tríplice mensagem apocalíptica ao mundo e que deve ter como referência a estratégia de Cristo para vencer a batalha.



“Ellen G. White e a ‘meia hora de silêncio no Céu’: Um estudo exegetico”

Revista *Kerygma*, v. 14, nº 2, 2019, p. 6-15

Maiacol Alejandro Cortes

(revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1208)

A “meia hora de silêncio no Céu” tem sido interpretada na Igreja Adventista do Sétimo Dia de diferentes maneiras, em alguns casos devido a declarações extraídas dos escritos de Ellen White e aplicadas pelo leitor ao texto de Apocalipse 8:1. Este estudo analisa exegeticamente as citações de Ellen White usadas na interpretação dessa passagem complexa e examina as palavras-chave da narrativa.

Os textos de Ellen White podem ser usados na interpretação de Apocalipse 8:1? O sétimo selo deve ser visto como evento anterior ou posterior à *parousia*? Podemos usar o princípio dia-ano para explicar a “meia hora de silêncio”? Jesus abre este último selo no Céu, a morada de Deus, que gera uma silente expectativa nos cosmos. Não seria este silêncio um curto período de tempo relacionado ao julgamento dos ímpios?



“La predicación como diálogo: Como comunicar la Palabra de Dios de una manera efectiva”

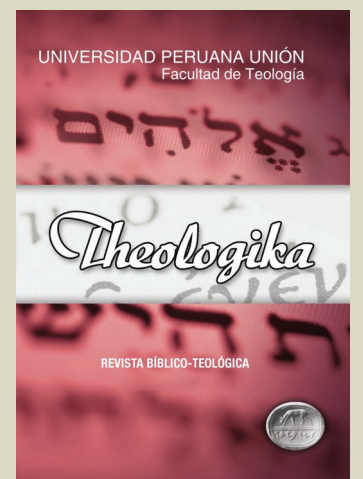
Revista *Theologika*, v. 3, nº 1, 2015, p. 128-139

Derek Morris

(revistas.upeu.edu.pe/index.php/r_theologika/article/view/128-139/306)

Ao longo de toda a história sagrada, o Senhor Se revelou como uma pessoa que fala. Na maioria das vezes, quando Deus falou, Ele convidou Seus ouvintes a participar da conversação, pois, sem diálogo, não há comunicação verdadeira entre o interlocutor e o ouvinte. Os Evangelhos registram que a pregação de Jesus era predominantemente participativa.

Os apóstolos seguiram o mesmo método ao expor a mensagem evangélica, e a igreja apostólica continuou com a mesma dinâmica comunicativa. Hoje, mais do que nunca, faz-se necessário que os pregadores da Palavra procurem maneiras de envolver seus ouvintes, a fim de que a compreensão da revelação divina seja eficaz.



ESPÍRITO MISSIONÁRIO

Ellen White

O verdadeiro espírito missionário é o espírito de Cristo. O Redentor do mundo foi o grande missionário modelo. Muitos de Seus seguidores têm trabalhado diligentemente na causa da salvação humana; mas o trabalho de homem algum pode-se comparar com a abnegação, o sacrifício, a bondade de nosso Exemplo.

O amor que Cristo demonstrou por nós é sem paralelo. Quão zelosamente trabalhou Ele! Quantas vezes esteve sozinho, em fervorosa oração, nas encostas das montanhas ou no retiro do horto, derramando Suas súplicas com forte clamor e lágrimas! Com que perseverança insistia Ele em Suas petições pelos pecadores! Mesmo na cruz, esqueceu os próprios sofrimentos, em Seu grande amor por aqueles a quem tinha vindo salvar. Quão frio o nosso amor, quão débil nosso interesse, quando comparado com o amor e o interesse manifestados por nosso Salvador! Jesus Se deu a Si mesmo para redimir nossa raça; todavia quão prontos somos a nos desculpar de dar tudo quanto temos a Jesus! Nosso Salvador submeteu-Se a fatigante trabalho, à ignomínia e ao sofrimento. Foi repellido, zombado, escarnecido enquanto Se empenhava na grande obra que tinha vindo realizar na Terra.

Acaso indagam, irmãos e irmãs: Que modelo imitarei eu? Não lhes indico grandes homens, homens bons, mas o Redentor do mundo. Caso queiramos ter o verdadeiro espírito missionário, precisamos imbuir-nos do amor de Jesus; precisamos olhar para o Autor e Consumador de nossa fé, estudar-Lhe o caráter, cultivar-Lhe o espírito de mansidão e humildade e andar em Suas pegadas.

Muitos pensam que o espírito missionário, a habilitação para a obra missionária,



é um dom ou dotação especial concedido aos pastores e a alguns poucos membros da igreja, e que todos os outros devem ser meros espectadores. Nunca houve erro maior. Todo verdadeiro cristão possuirá espírito missionário, pois ser cristão é ser semelhante a Cristo. Ninguém vive para si mesmo, e “se alguém não tem o espírito de Cristo, esse tal não é Dele” (Rm 8:9). Todo aquele que tem experimentado as virtudes do mundo futuro, seja ele jovem ou idoso, instruído ou iletrado, será movido pelo espírito que atuou em Cristo. O primeiro impulso do coração regenerado é levar outros também ao Salvador. Os que não possuem esse desejo dão provas de haver perdido o primeiro amor; devem examinar rigorosamente o coração à luz da Palavra de Deus e procurar um novo batismo do Espírito de Cristo; devem orar por mais profunda compreensão daquele assombroso amor que Jesus manifestou por nós em deixar o reino da glória e vir a um mundo caído para salvar os perdidos.

Há trabalho para cada um de nós na vinha do Senhor. Não devemos buscar para nós a posição que nos permita fruir o máximo, ou ter o maior ganho. A verdadeira religião é isenta de egoísmo. O espírito

missionário é um espírito de sacrifício. Devemos trabalhar onde quer que seja e em toda parte, ao máximo de nossa capacidade, pela causa do Mestre.

Assim que uma pessoa está realmente convertida à verdade, brota-lhe no coração um desejo ardente de ir e falar a amigos ou vizinhos acerca da preciosa luz que irradia das páginas sagradas. Em seu desinteressado trabalho para salvar a outros, é uma carta viva, conhecida e lida por todos. Sua vida mostra que ela se converteu a Cristo, e tornou-se colaboradora Sua. [...]

Cumpra-nos servir sob a direção de nosso grande Líder, avançar contra toda influência adversa, ser coobreiros de Deus. A obra que nos é designada é semear junto a todas as águas a semente do evangelho. Nessa obra, cada um precisa desempenhar uma parte. A multiforme graça de Cristo, a nós comunicada, constitui-nos mordomos de talentos que nos cumpre aumentar entregando-os aos banqueiros para que, quando o Mestre os pedir, possa receber o Seu com os juros. **M**



Extraído de *Testemunhos Para a Igreja*, v. 5, p. 385, 386 e 389.

“NOVA” NORMALIDADE

Estamos no meio da mais grave crise que o mundo enfrentou no século 21, resultado da combinação de emergências sanitárias, econômicas, políticas e sociais. Ninguém sabe ainda quão profundo é o poço em que estamos, como sairemos dele, e se algum dia recuperaremos a “normalidade”. Nesse sentido, partindo da crença de que a realidade não será a mesma após a pandemia da Covid-19, fala-se em um “novo normal”. Como consequência, pensamos em uma igreja pós-pandemia, que deve se adaptar a essa nova normalidade.

Eu poderia me dedicar a escrever sobre qual seria o perfil pós-pandemia do pastor, adaptando-se a esse “novo normal”. Em vez disso, acredito que devemos retornar ao “velho normal” e refletir a respeito de um pastor exemplar que superou crises e obstáculos muito maiores do que estamos enfrentando. Estou me referindo ao apóstolo Paulo. Que exemplos podemos extrair de sua experiência como pastor, para enfrentar os desafios que temos à frente?

Em primeiro lugar, *consagração absoluta*, zelo pelo evangelho e dedicação sem reservas à causa do Mestre. Em 1 Coríntios 11:23 a 27, ele afirmou: “Sei que dou a impressão de estar louco, mas digo que tenho servido muito mais. Trabalhei com mais dedicação, fui encarcerado com mais frequência, perdi a conta de quantas vezes fui açoitado e, em várias ocasiões, enfrentei a morte. Cinco vezes recebi dos líderes judeus os trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas. Fui apedrejado uma vez. Três vezes sofri naufrágio. Certa ocasião, passei uma noite e um dia no mar, à deriva. Realizei várias jornadas longas. Enfrentei perigos em rios e com assaltantes. Enfrentei perigos de meu próprio povo, bem como dos gentios. Enfrentei perigos em cidades, em desertos e no mar. E enfrentei perigos por causa de homens que se diziam irmãos, mas não eram. Tenho trabalhado arduamente, horas a fio, e passei muitas noites sem dormir. Passei fome e senti sede, e muitas

Somente restaurando os laços pessoais e construindo a comunidade que o pastor poderá pastorear em todos os sentidos da palavra.

vezes fiquei em jejum. Tremi de frio por não ter roupa suficiente para me agasalhar” (NVT).

Em segundo lugar, uma *vida de oração intercessora*, porque entendeu que somente o poder de Deus e a obra do Espírito Santo poderiam fazer a igreja crescer: “O Deus a quem sirvo [...] sabe como nunca deixo de me lembrar de vocês em minhas orações, sempre pedindo, se for da vontade de Deus, uma oportunidade de ir vê-los” (Rm 1:9, 10, NVT).

Em terceiro lugar, a disposição de construir uma *verdadeira comunidade de fé*, com fortes laços interpessoais, que forma não apenas uma equipe integrada para ministrar aos outros e pregar o evangelho, mas também uma rede de contenção para enfrentar os altos e baixos da vida. A epístola de Filemon apresenta a preocupação do apóstolo Paulo em construir essa comunidade unida pelo vínculo do amor e focada no exemplo de Cristo para atender as necessidades dos outros. Isso também pode ser visto no final de cada uma de suas epístolas, em textos que reforçam esse ideal.

Nesse sentido, temos um desafio. A quarentena nos forçou a imergir no mundo virtual. Facebook, YouTube e reuniões no Zoom são ferramentas muito úteis. No entanto, ao voltar às nossas atividades e poder nos encontrar novamente, precisamos ir além das telas. Somente restaurando os laços pessoais e construindo a comunidade que o pastor poderá pastorear em todos os sentidos da palavra.

Sim, é hora de voltar à velha normalidade, exemplificada pelo apóstolo Paulo! **M**



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol

CPB livraria



FADBA - Cachoeira, BA

CONHEÇA AS LIVRARIAS DA CPB ESPALHADAS POR TODO O BRASIL

AMAZONAS MANAUS

SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288 / (92) 98113-0576

PERNAMBUCO RECIFE

SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941 / (81) 99623-0043

BAHIA CACHOEIRA

FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300 / (75) 99239-8765

RIO DE JANEIRO RIO DE JANEIRO

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Loja A
(21) 3872-7375

BAHIA SALVADOR

NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543 / (71) 99407-0017

RIO GRANDE DO SUL PORTO ALEGRE

CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538

CEARÁ FORTALEZA

CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779 / (85) 99911-0304

SÃO PAULO ENGENHEIRO COELHO

UNASP/EC
Rod. SP 332, km 160
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398 / (19) 98165-0008

DISTRITO FEDERAL BRASÍLIA

ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021 / (61) 98235-0008

SÃO PAULO HORTOLÂNDIA

PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070

GOIÁS GOIÂNIA

SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830

SÃO PAULO SANTO ANDRÉ

CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818

MATO GROSSO DO SUL CAMPO GRANDE

CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463

SÃO PAULO SÃO PAULO

MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-1544

MINAS GERAIS BELO HORIZONTE

CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044 / (31) 99127-1392

SÃO PAULO SÃO PAULO

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28 | 5º Andar
(11) 3106-2659 / (11) 95975-0223

PARÁ BELÉM

MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130

SÃO PAULO SÃO PAULO

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021

PARANÁ CURITIBA

CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Loja 1
(41) 3323-9023 / (41) 99706-0009

SÃO PAULO TATUÍ

LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

LIVROS | BÍBLIAS | LIÇÕES | REVISTAS | GUIAS DE ESTUDO
FOLHETOS | HINÁRIOS | CDs | DVDs | BRINQUEDOS | JOGOS